

Cada numero contém sempre uma obra completa



Aventuras extraordinarias dum policia secreta ~ ~

A' PORTA DA MORTE

R. J. Casarzo

N.º 44



Em cinco minutos devia haver a explosão; em cinco minutos estava acabada a sua vida.

RUA DA ERA, 17 — LISBOA
PREZA LITERARIA UNIVERSAL

Esc. 1\$00

85-169396

Avenida extraordinária
uma polícia secreta

A. PORTA DA MORTE



N. 44

ACD
823.91
D598.99
P47
v. 9
no. 44

Em caso de perda de qualquer uma das partes desta obra, a responsabilidade é do leitor.

BIBLIOTECA UNIVERSAL
DA FAN. 17 - LIT. 1000

A' porta da morte

O automato misterioso

Um criado luxuosamente fardado abriu a porta da sala da condessa Olitzky e anunciou;

—O sr. Alfredo Brown.

A dona da casa correu ao encontro dum individuo alto, estendendo-lhe as duas mãos.

—Como me sinto contente, disse ela numa pronuncia levemente estrangeirada, por ter aceitado o meu convite.

Levou-o para um sofá e assentou-se junto d'ele numa cadeira de baloiço.

—Estamos ainda sós, continuou acendendo um cigarro, e tenho tempo de o pôr ao facto do misterio que a nós dois convem decifrar.

—Estou ansioso, encantadora condessa, respondeu Brow, devorando com o olhar, a esbelta criatura que tinha perto de si. Já me deu tantas provas da sua perspicacia que, certamente, me podia dispensar de colaborar na decifração desse mysterio.

—Não, exclamou a condessa em tom resolutivo, não sinto coragem para isso. O enigma a que me refiro, é horrivel demais para que uma mulher se afoite a desvenda-lo só.

—Bom, então conte. Sou todo ouvidos.

Certamente já ouviu falar do afamado automato xadrez Hing Thong?

Sem duvida, respondeu Brown. Infelizmente, porém ainda não se me proporcionou ensejo de o conhecer de perto. Até agora ainda não se mostrou em publico, tendo-se feito apenas admirar nos salões mundanos.

—Pois, digo-lhe, exclamou a condessa Olitzky com olhos scintillantes, que esse automato é o maior enigma do nosso século.

Compareci em algumas reuniões em que elle se apresentou. Hing Thong sabe tudo; Hing Tong conhece todos os jogos; Hing Thong faz calculos assombrosos, adivinha os pensamentos de qualquer pessoa. Terá ensejo de avaliar este prodigio de aqui a uma hora.

O interlocutor da condessa, que a escutava com grande indifferença, deitou algumas nuvens de fumo e disse friamente:

—Jogos que se explicam da forma mais natural possivel.

—Está bem, respondeu a condessa. Conheço a sua perspicacia e não quero discutir as suas opiniões. Mas, acrescentou ella, enquanto as suas feições delicadas tomavam uma expressão de horror, agora vem o horrivel mysterio que encobre esse automato.

A condessa inclinou-se para Brown de forma que o halito acariciava o e disse, em voz baixa:

A todas as familias que estão em contacto com esse automato, ha de acontecer uma desgraça, como tenho observado.

Em casa do conde Poninsky morreu inesperadamente a filha mais velha; na familia do sr. de Subaraw a própria dona da casa; em casa do barão de Kyburg um criado antigo. E, agora o que diz a isto?

A gentilissima russa fitava interrogativamente a fisionomia impassivel do seu interlocutor, com os seus olhos negros.

—As desgraças succedem logo após as exhibições do automato? perguntou elle atentamente.

—Sem duvida. Dão-se na noite seguida á exhibição.

—E nunca foi possivel esclarecer esses casos de morte?

—Nunca: quero dizer os médicos constataram em todos elles apoplexia cerebral.

Alfredo Brown sorria-se agora significamente, erguendo-se.

—Mas, então, eu teria hesitado, se estivesse no lugar da senhora, em receber o automato na minha casa. Medo duma morte proxima?

A condessa havia-se levantado da cadeira e andava inquieta dum lado para o outro no quarto.

—Não posso de sentir alguma inquietação respondeu ella, porque não creio na casualidade dessas desgraças. Foi justamente por esse motivo, caro amigo, que lhe pedi que viesse aqui. Desejo que, por um lado, me aconselhe e me ajude e, por outro, me descubra os verdadeiros, se, na verdade, existem.

Pensativo, olhava a linda mulher que tinha na sua frente. A sua testa estava ligeiramente enrugada, como se partilhasse da opinião da condessa.

—Quantos criados tem em casa? perguntou com voz firme.

—Só dois. O criado que ha pouco viu e a minha criada de quarto, Vanda Aprau. Sei o que quer dizer com isso, mas licencié ambos esta noite e estarei só em casa. Mandeie colocar na porta fechaduras de segurança mais modernas, sendo difficil a entrada de um inimigo. O sr. Brown será hoje o ultimo dos meus convidados a sair de casa.

—Está combinado, respondeu elle. Mas aí veem os seus convidados e não quero, por mais tempo, rouba-la aos seus deveres de dona de casa. Só uma palavra; qual é o quarto onde se acha instalado o automatico?

—No quarto azul que o sr. já conhece.

Os convidados da condessa Olitzky estiveram pouco mais ou menos uma hora occupados a tomar o chá quando se ouviu uma campainha vibrante.

—Minhas senhoras e meus senhores, disse a condessa, peço-lhes que me sigam para o quarto azul, onde lhes será apresentado o automatico xadrez Hing Thong. Preparem-se para assistir ás maiores surpresas. Não ha problema que Hing Tong não saiba decifrar.

Na sala resouu uma gargalhada. Mas todos se calaram quando a condessa, com um aspecto grave, poz o dedo na boca e disse;

—Não se riam tão cedo: podem crer que vão assistir a coisas maravilhosas.

Alfredo Brown foi um dos primeiros que entrou no quarto. Fixou atentamente o misterioso automatico xadrez que foi posto no meio do quarto. Um elegante barranco estava em volta d'elle, de forma que se tornava impossivel á assistencia uma inspecção minuciosa. O automatico compunha-se duma pequena mesa quadrada com uma caixa por cima. Em cima dessa caixa havia uma figura de chinês esculpido de largos estofos de seda, tendo pouco mais ou menos a altura de 75 centimetros e assentando-se em cima das pernas como dum pagode.

—Meus senhores, disse o dono do automatico, um homem de tipo russo; tenho a honra de lhes apresentar Hing Thong, o automatico inconsciente. Hing Tong põe-se em movimento por meio dumas rodas construidas por mim. Sabe ler e contar, adivinha os pensamentos e joga o xadrez. Peço-lhes que me deem todos os problemas que possam imaginar, porque tenho a certeza de que elle não deixará nenhum sem solução.

E agora, continuou elle, quero provar-lhes que é impossivel estar occulto, neste automatico, qualquer ser humano.

Dizendo isto, abriu os cantos da caixa cortados obliquamente.

Depois ouviu-se um ruido aspero, uns estalos abafados e os braços do chinês que até agora estavam pendurados e frouxos, estenderam-se tãosos.

—Agora, meus senhores, rematou o russo o seu discurso, Hing Tong está á vossa disposição.

—Durante um minuto fez-se um silencio completo entre os assistentes. Todos reflectiam no problema difficil que haviam de dar ao automatico para o comprometer. Como era possivel que uma maquina adivinhasse pensamentos!

—Inaugura-lo-hei eu, disse a condessa Olitzky que se tornara visivelmente pallida. Desejo que Hing Thong diga quantas pessoas estão aqui neste quarto.

Logo que esta pergunta se acabou de formular, appareceu escrito o numero 12 sobre uma ardósia que o automatico tinha debaixo de si.

—Está certo disse a condessa. Mas agora Hing Thong deve adivinhar a minha idade.

Sem a mais leve hesitação, Hing Thong escreveu 34 anos.

Todos os olhares se dirigiram para a condessa.

Poucas pessoas sabiam ao certo a sua idade, não a podendo mesmo calcular pela apparencia.

—Tambem essa resposta está certa, disse a dona de casa com voz tremula e fraca.

As perguntas ao automatico choviam agora de todos os lados, numa confusão geral.

—Peço desculpa, meus senhores, exclamou o russo que tinha apresentado o automatico, Hing Thong só pôde responder a uma determinada pergunta. Propo-nho ceder a primazia ás senhoras.

—Bom, disse a condessa Olitzky a senhora de Lyseinski tem de certo uma pergunta difficil para fazer, peço-lhe que a faça, para principiar.

—Hing Thong adivinhe o que eu fiz hontem ás 6 horas da tarde.

Sem hesitar, o lapis do chinês passou por cima da pedra que estava agora em cima dos seus joelhos.

—Acompanhou o seu marido á gare, e esperou que o comboio partisse depois tomou um trem de praça que a conduziu a um restaurante na rua King Charles, onde se...

—Basta! gritou a linda polaca, com a respiração ofegante, dispense o resto da resposta.

Todos os assistentes deram gargalhadas, porque conheciam muito bem as aventuras galantes dessa mulher cheia de vida.

—No interesse do meu automatico, peço-lhe que diga se a resposta de Hing Tong foi exacta, disse elle sempre com a mesma flegma.

Todos os olhares estavam voltados para a linda mulher, que se tinha tornado vermelha.

Ela hesitou um momento; depois disse em tom firme:

—Sim, passou-se tudo como disse.

Ouviram-se aplausos de todos os lados.

Se, a principio, todos se apressavam a fazer perguntas ao automatico, agora temiam-no.

—Desejaria alguém jogar o xadrez com Hing Tong, disse o russo interrompendo desembaraçadamente o silencio que se tinha feito durante alguns minutos, e que ameaçava tornar-se penoso.

Acto continuo, foi posto sobre os joelhos do chi-

nês um taboleiro de xadrez, e dois dos assistentes associaram-se para fazerem jogo contra ele. Devagar e com toda a cautela, começaram procurando não dar a conhecer os pontos fracos.

Rápido e impetuosamente, Hing Tong deixava as figuras ao seu lado. Para ele parecia não haver reflexões nem meditação.

Havia um profundo silêncio; todos fixavam com ansiosa expectativa o taboleiro de xadrez.

— Mate! disse de repente uma voz sonora.

Todos se voltaram para quem tinha falado. Era Mr. Alfred Brown que tinha pronunciado a sentença.

— Ainda não, exclamou um dos jogadores, sem tirar os olhos do taboleiro.

— Tem razão, respondeu Mr. Brown, mas em três movimentos, sê-lo-ha, qualquer que seja o jogo que fizer.

Tinha razão; Hing Tong em três movimentos, ganhava brilhantemente.

Para pôr termo á excitação que reinava, a condessa Olitzky aproximou-se rapidamente do automato.

— Hing tem de adivinhar o que tenciono fazer esta noite, disse ela em voz alta.

Seguiu-se um profundo silêncio.

Hing Tong pôs o lapis na pedra; havia um profundo silêncio, e apenas se distinguia a respiração forte da condessa.

— Quer esta noite licenciar os seus criados, via-se escrito na pedra.

— Está certo, respondeu a dona da casa, cuja voz estava rouca de excitação.

— Quer fechar-se muito bem á chave esta noite.

— Também é isso; mas continue. O que tenciono fazer mais?

— Quer estar acordada toda a noite para verificar se lhe acontece alguma aventura.

— Também isso é exacto, disse duma maneira quasi imperceptível.

«Ainda queria saber uma coisa mais, continuou ela com a voz um pouco mais firme. O que me acontecerá esta noite?

— Um incidente, foi a resposta que ele deu.

— Isso é que se chama livrar-se bem de embaraços, disse um dos circunstantes a bom rir.

Todos os espectadores respiraram como se tivessem ficado aliviados dum grande pêso, ouvindo esse riso.

Tinham visto empalidecer a condessa Olitzky e perder o sangue frio. Viram logo que as respostas a tinham comovido até ao íntimo, tão preciosas eram elas.

— Ora histórias, disse baixinho uma das senhoras a um dos circunstantes, a condessa convidou-nos para nos fazer uma surpresa, de que afinal se safu muito bem.

Como um fogo, espalhou-se essa opinião e todos a compartilharam. Nem outra forma podia ser, pois na verdade era essa a solução mais simples. Agora faziam as perguntas mais engraçadas ao automato.

que respondia igualmente quasi sempre com muito espirito.

A condessa vendo os seus convidados tão entretidos, dirigiu-se a Brown.

— Ouviu as respostas ás minhas perguntas? perguntou ela com voz sumida.

— De certo, foram todas exactas?

— Todas, senhor Brown, até mesmo as ultimas, que diz a isto? Creio bem que se passam coisas misteriosas.

Brown impaciente, encolheu os ombros e fixou o automato, que estava com olhar carrancudo a escrever mais uma resposta na pedra.

— Tudo neste mundo se esclarece duma maneira natural, respondeu ele; mas ha-de concordar que me falta neste momento a verdadeira solução. Sim, se pudesse desarmar á vontade o aparelho.

Um olhar foi o bastante para se certificar que dois olhos ardentes estavam fitos nele; eram os da dona do automato.

— Tenha a bondade, meu senhor, de verificar o cêsto tanto quanto quizer e sem receio.

De mau humor depois Brown o cêsto onde estava.

O estrangeiro parecia querer divertir-se á custa dêlo, o que se depreendia do sorriso ironico que lhe pairava nos labios barbudos.

O jogo de perguntas e respostas parecia estar terminado entre o automato e os convidados. Ninguém já se atrevia a interrogar Hing Tong. Todos estavam pasmados com os seus conhecimentos, com o seu espirito, e sobretudo com a sua aparente omni sciencia.

Hing Tong estava informado das coisas mais intimas das pessoas presentes; dizia a cada um francamente o que apenas se poderia confiar ao mais intimo dos amigos.

Agora aproximou-se Alfred Brown do automato, como ultimo curioso.

— Queria tambem dirigir algumas perguntas a Hing Tong, disse ele fixando o dono com olhar severo.

— Tenha a bondade, respondeu este com um movimento de mão indifferente e sem corresponder ao olhar.

— Quero saber o que me trouxe aqui, foi a pergunta que ele fez, aparentemente muito energica.

— O convite da condessa Olitzky, respondeu prontamente.

— O que mais? perguntou o outro.

— A amizade e o cuidado por ela.

— Mas porque estou em cuidado por ela.

— Porque conhece o seu passado, escreveu Hing Tong sem hesitar.

— O que queria eu saber agora? perguntou ainda perante a anciedade de todos os convidados.

— Decifrar o enigma de Hing Tong, porque não acredita na pura acção do maquinismo.

— Admiro a perspicacia desse chinês, respondeu Brown tranquilamente; teve até agora sempre razão e mostrou ser um maravilhoso conhecedor do genero humano.

—E agora está satisfeito? perguntou o russo pondo-se entre o hospede e o automato, como para o proteger.

—Só mais uma pergunta, mas tenho um palpite que Hing Tong, que parece muito bem informado, não responderá certo.

O dono do automato dirigiu-se para este com grande atenção.

—Vejo justamente agora que daqui a um minuto o mecanismo estará parado.

—Deixe-me aproveitar este precioso minuto de pressa, exclamou Brown, e dirigindo-se ao chinês, disse:

—Qual o meu nome?

—Sherlock Holmes, foi a resposta pronta.

Depois ouviu-se um estalar estrondoso; as rodas gressas pararam e os braços do chinês que até aqui estavam tésos em cima da pedra, caíram frouxos ao lado, e a representação terminou.

Uma horrível mensagem

Esta ultima resposta a Hing Tong fez o efeito de um raio tivesse caído entre as pessoas presentes.

Durante um segundo, reinou um silencio atterrador depois encheram o afamado policia de perguntas. Cada um queria ouvir a sua opinião ácerca deste automato misterioso bem como, quais os seus projectos para desmascarar o russo do seu embuste, mas Sherlock Holmes apenas acolheu todos com um sorriso.

Deixou-se levar como os outros convidados da condessa Olitzky para um quarto contiguo, onde estava servida a ceia.

Então perguntou ele baixinho para a condessa, a senhora sabe mais alguma coisa a respeito do interior de Hing Tong?

—Não, tenho quasi horror áquele aparelho omnisciente. Acabo de pagar ao seu dono; ele está a guardar o seu automato, e, de certo, neste momento já se foi embora.

—Se tem medo de ficar só de noite, ficarei de guarda ao pé de si.

—Nunca, disse ela energicamente. A unica coisa que lhe peço é que seja o ultimo dos meus convidados e revistar mais uma vez a minha casa, e acompanhar a minha dama de companhia Vanda Apraxin a casa de sua tia, onde ela deve dormir esta noite. Fechara logo atraz de si a porta á chave e, depois, esperarei com curiosidade o que me acontecer até amanhã.

—Parece-me que a senhora fez todos os possiveis para sua segurança, respondeu Holmes, contudo, estou agora como dantes, pronto para velar durante a noite em sua casa.

—Como já disse, não permito isso, de resto, disse ela sonhadora é-me indifferente a forma porque se, realisar á meu destino. Não é por sorte ser arrancada repentinamente da vida quando se está no vi-

gór da idade do que vêr chegar a morte passo a passo.

—De onde lhe veem essas tristes ideias? perguntou Holmes ansioso.

—Então, respondeu a condessa, conhece muito bem as minhas antigas relações com partido revolucionario. Julga que este me pordou a minha ligação com o príncipe Kutusoff?

—Ah, sim, Kutusoff, disse Holmes admirado, onde está esse governador de S. Petersburgo que antigamente não era tão temido? Não se dizia que tinha caído na desgraça?

—Assim se diz, mas é na realidade quasi tão poderoso como antigamente. De resto já não mora em Petersburgo mais sim em Paris. Mas deixemos de falar nesse assunto, pois mesmo na minha casa as paredes teem ouvidos.

A ceia tinha terminado; os hospedes da condessa tinham deixado a mesa e os criados tinham saído. A respeito do russo, o autor do misterioso aparelho já não havia vestigios dêle.

Tinha-se ido embora logo em seguida a ter recebido o seu honorario, com os dois criados que o ajudavam a levar o chinês e o mecanismo.

—Bom, disse a condessa voltando-se para o seu ultimo hospede, agora vamos verificar passo a passo todos os quartos, para poder ir para casa tranquila. Vanda! gritou ela para o quarto contiguo, ainda está aí?

—De certo, respondeu a dama de companhia rindo-se, espero até que o meu quarto seja tambem revistado por esse nosso perspicaz amigo, e que êle depois me acompanhe a casa de minha tia.

Todos os quartos da casa, instalada principescamente, foram revistados minuciosamente, todos os armarios abertos. A senhora Apraxin até abriu o cofrezinho da sua cômoda.

—Parece-me, disse finalmente a condessa, que nos podemos contentar por agora. Peço-lhe que acompanhe agora Vanda a casa da sua tia, para poder fechar á chave a minha habitação.

Quando chegou á rua Holmes deitou um ultimo olhar para as janelas da condessa. Um sentimento estranho se apossou dêle. Se fosse verdade ser esta a ultima vez que ele via a linda mulher! Se a desgraça que sempre entrava nas casas, onde Hing-Hog se apresentava, tambem devesse fazer a sua entrada nesta!

—Qual a razão dessa tristeza? perguntou a jovem russa, rindo, que se tinha suspenso do seu braço.

—Não sei, respondeu Holmes. Tenho o presentimento de que se cometerá um crime. Não devia ter deixado a condessa sósinha esta noite.

—Oh, exclamou Vanda, de certo a condessa contagiou-lhe o medo de espectros; parecia-me que poderia estar tranquilo depois de ter revistado a casa inteira. Sabe, continuou ela vivamente, que tambem tem em mim uma grande admiradora?

—Isso é novo para mim, respondeu o afamado policia sorrindo; dá-me licença que pergunte em que

mereço a sua admiração? Se bem me lembro, encontrei-me só duas vezes ou três consigo.

—Sim, pessoalmente, mas os seus sucessos sem igual são-me conhecidos ha anos; coleccionei e estudei minuciosamente a secção dos jornais que trata da sua pessoa. E assim estou convencida de que todos os crimes porque se interessa são decifrados.

—Tive sempre sorte nas minhas empresas, respondeu Holmes simplesmente; mas bem sabe que os deuses são ciumentos. Quem sabe se não fiz ha pouco, numa coisa tão simples como foi a revista da casa, um êrro grosseiro.

—Ora, exclamou a dama de companhia indignada, não esteja sempre a falar na condessa Olitzky, porque é capaz de me fazer ainda ciumenta.

Holmes vendo a cara vermelha de irritação da pequena dama de companhia, não poudo conter o riso.

—Isso era uma conquista, disse ele, que nem em sonhos me lembrava. Mas já estamos ao pé da casa de sua tia; uma noite descansada e logo de manhã cêdo os meus melhores cumprimentos á condessa.

*

A senhora Bonnet levava, como de costume ás 8 horas o almoço para o quarto do seu afamado patrão.

—Vieram cartas para mim? perguntou Holmes indiferente.

—Não, respondeu a velha senhora, mas esta manhã muito cedo esteve cá um jovem que se informou a que horas veio para casa.

Sherlock Holmes saltou aterrado da cadeira, e fixou a sua governante.

—Senhora Bonnet, disse ele depois. Tem visto durante longos anos entrar e sair muita gente em minha casa. Ouviu falar o inglês a muitos estrangeiros; notou alguma coisa estranha na pronuncia desse jovem.

—Sim, respondeu a governante pensativa, estranhei justamente a aspreza da pronuncia, e principalmente a acentuação dos r r.

—Era russo, disse Holmes, franzindo a testa e com aspecto sombrio.

—Parece-me que sim, disse a sr.^a Bonnet.

—Então queira Deus que os meus desejos não se tenham realisado, Harry, disse ele para o seu jovem amigo que acabava de entrar no quarto. Depressa a minha sobre-casaca e o meu chapéu.

Miss Bonnet ia falar no almoço, no qual ninguem ainda tinha tocado, quando foi interrompida pela campainha do telefone. Rápidamente empurrou para o lado o seu ajudante, que tinha corrido para o aparelho.

—Deixa disse ele com voz rouca de excitação, quero eu mesmo ouvir, porque presinto uma desgraça. Quem fala? perguntou ele ao teletone.

—O inspector da policia Gardon, foi a resposta. Estou ouvindo que falo com o proprio sr. Holmes;

acabo de saber que em casa da condessa Olitzky aconteceu uma desgraça. Foi preciso arrombar a porta da casa porque estava solidamente fechada por dentro e a dona da casa foi encontrada morta na cama. Como soube pela sr.^a Apraxin que ainda ontem o senhor lá esteve, lembrei-me que esta noticia o podia interessar; até á vista, sr. Holmes.

—Preciso sair, disse ele depois a Harry, se precisar de ti, telefonarei.

E, sem esperar, pela resposta de Harry, desapareceu do quarto.

Vanda Apraxin, recebeu-o com olhos sonhadores.

—Venha, disse ella soluçando, e veja pela ultima vez essa desgraçada. Os seus presentimentos não o enganavam, tambem ella morreu.

Ele correu para o quarto da condessa.

Aqui estava estendida; aquella que tinha visto em plena vida, fria e imóvel. Com sentimentos compungentes, contemplava o cadáver; não poudo descobrir nada de estranho; no quarto, nada havia que indicasse uma morte violenta, e contudo, não podia dominar as suas suspeitas de que a condessa havia sido assassinada.

Nesta altura estremeceu de surpresa; inclinou a cabeça para a almofada, onde descobriu uma nódoa de agua muito recente. Olhou em volta, mas Apraxin tinha-se retirado do quarto por um motivo qualquer; estava só. Rápido como um raio, passou os dedos afilados pelo cabelo da morta.

O meu presentimento, murmurou elle, voltado depressa para o sitio onde tinha estado.

Tinha ouvido passos no quarto contíguo. Vanda voltava.

—Já mexeu alguém no cadáver? perguntou elle duma maneira indifferente.

—Não, respondeu a russa, entrei para este quarto juntamente com os policias que arrombaram a porta, e aqui não entrou ninguem estranho, por isso sei, ao certo, que pessoa alguma se aproximou do cadáver.

—E o que dizem os policias? perguntou Holmes.

—Que foi uma apoplexia, respondeu a dama de companhia que estudava atentamente as feições daquelle homem severo.

Holmes ficou pensativo durante um momento, depois parecia que tudo estava esclarecido para elle.

—Vá immediatamente a Scotland Yard, ordenou elle á russa, e diga ao inspector Gordon que tenha a bondade de vir cá já; diga-lhe tambem que se cometeu um crime em casa da condessa Olitzky.

A dama de companhia recuou, dando um grito de horror.

—Por amor de Deus, o senhor está laborando num horrivel êrro; sabe perfeitamente que a condessa se fechou á chave e pretende que se tenha cometido um crime

—Saía, gritou Holmes, e faça o que lhe disse.

Com os membros trémulos e com a cara onde se

lhe lia o medo e o horror afastou-se a rapariga.

— Ainda tenho alguns minutos que devo aproveitar, murmurou Holmes.

Sem fazer mais caso do cadáver, fechou todas as portas rapidamente, e num momento estava na toilete da defunta, onde se encontravam como ele sabia todos os papéis importantes e todas as suas joias.

As gavetas não estavam fechadas á chave; depressa as abriu e com olhar furtivo verificou o conteúdo.

— Esteve aqui alguém antes de mim, murmurou ele; estiveram procurando um determinado objecto, e este deve ter sido um documento importante. Verificou as outras caixas. Nas joias parecia que não tinham mexido.

— Mas não, interrompeu ele o monologo; aqui está um estojo vazio, onde se achava, se não me enganar, o precioso broche que a condessa recebeu ha pouco tempo de presente do seu amante, o principe Kutusoff.

Ele, que estava á escuta, pareceu ouvir ao lado passos silenciosos. Rápidamente fechou a gaveta e abriu com força a porta do quarto contiguo, para se certificar se era espreitado, mas não descobriu ninguém.

— Gostaria bem saber onde está Apraxin com o inspector, murmurou ele; aqui já não tenho tempo a perder.

Cuidadosamente passou aos quartos proximos; os seus olhos estavam em toda a parte, mas nada tinha sido posto fóra do seu lugar desde a vespera á noite. As cadeiras estavam como as tinha visto na noite anterior. Nenhuma janela e portas estavam abertas.

Era ainda um enigma completo, como tinha o criminoso entrado na casa da condessa, que se fechára por dentro.

Assim, chegou tambem ao quarto da dama de companhia. Um perfume estranho notou aqui, o mesmo que na véspera surpreendera em Vanda. Como tinha feito nos outros quartos, deixou vaguear neste os seus olhares por toda a parte. Estava tudo na melhor ordem. Apenas o cobertor de seda acolchoado que estava em cima da cama, parecia ter sido mexido desde a noite anterior. Pensativo, parou Holmes diante da cama.

— Tenho a certeza, disse ele, que esta prega ontem á noite não existia quando saí do quarto com russa. Com todo o cuidado destapou a cama para ver se ali encontrava vestígios suspeitos.

— Não, disse ele, o assassino tambem se poudesconder aqui.

Mas de repente estremeceu como se fosse mordido por uma cobra. O seu olhar perspicaz descobriu um pequeno trapinho que estava pendurado na extremidade da coberta. Tirou-o e verificou-o minuciosamente.

Perdido em pensamentos ficou parado no meio do quarto, olhar fixo no objecto de tão pequena apparencia, que tinha na mão.

— Se eu soubesse se alguem esteve aqui a informar-se da saude da condessa esta manhã, iria mais

longe nas minhas investigações atrás do assassino.

Muito me enganaria se não fosse neste quarto que estiverem. Mas estou a ouvir Gordon na escada. Vamos a ver o que ele me diz.

Depressa correu para o quarto da condessa, e, em seguida, entrou o inspector juntamente com a dama de companhia, que estava quasi sem respiração.

— O que ha de novo, meu caro Holmes? disse-lhe este funcionario, que parecia estar aborrecido por ter sido incomodado tão cedo.

— Não me disse, sr. Gordon, que a condessa tinha morrido duma apoplexia?

— Decerto, com quanto os seus olhos desconfiados tenham descoberto que neste quarto fechado por si, se tinha cometido um crime.

Holmes, nada replicou, mas encaminhou-se para a cabeceira da cama.

— Vê ali aquella pequena nódoa na almofada?

O inspector inclinou-se e olhou pensativo para a nódoa, depois encolheu os ombros e endireitou-se.

— Que quer isso dizer?—replicou ele, ligando pouca importancia, —quem sabe do que provem esta nódoa e ha quanto tempo que está aqui. Quer porventura constituir uma prova de assassínio disso?

— De certo que sim, respondeu o afamado policia em voz alta.—Se verificasse mais de perto essa nódoa, descobria que provém de sangue e que ainda não está seco.

— A senhora Apraxin de certo nos poderá dizer donde vem essa nódoa, disse Gordon.

— Isso com certeza não póde, exclamou Holmes com voz penetrante, porque me afiançou ha apenas um quarto de hora, que depois de ter entrado na sua companhia neste quarto, nenhum outro estranho o fez. A nódoa é desta noite e tem apenas 5 horas.

— Então era preciso que o assassino se tivesse deixado fechar á chave, disse Gordon com ar de troca, e isso parece quasi impossivel, depois do senhor o afamado policia de Inglaterra, ter revistado as casas todas, pouco antes da condessa ter fechado a porta á chave.

— Por emquanto, tenho de aceitar essa censura, disse Holmes em tom severo, mas agora voltemos outra vez ao pé do cadáver.

— Apalpe aqui, no occipital da condessa.

O inspector fez o que Holmes lhe pediu, mas via-se-lhe na cara que o fazia contra vontade, porque não partilhava da mesma opinião de Sherlock Holmes. De vagar poizou os dedos no logar indicado, mas no mesmo instante, retirou-os atterado.

— E agora perguntou o afamado policia, que diz a isto?

— Ainda acredita que fosse uma apoplexia ou já mudou de opinião?

Atentamente, Gordon observava os seus dedos. Ele era um dos officiaes mais competentes de Scotland Yard, e era infatigavel quando encarregado de qualquer missão.

— Digo, respondeu ele, que mais uma vez tem razão, e que fui muito superficial,

—Ainda bem, exclamou Sherlock Holmes, que se convenceu disso, mas o polen não está ainda perdido. O que descobriu, é importante para mim ouvi-lo da sua boca.

—Primeiramente vi que o cabelo da defunta está hnmido, e parece que alguém o limpou de sangue.

—Também é essa a minha opinião, disse Holmes aprovando, mas continue.

—Depois encontrei, muita bem disfarçada com o cabelo, uma pequena ferida muito recente, e que apenas fez vermelha a ponta de um dos meus dedos. Não é fácil de compreender como se fez aquela ferida nem como provocou a morte na condessa.

—Já lhe vou dizer, meu caro amigo. O assassino introduziu-se no quarto da condessa, depois de se certificar que ela estava dormindo. Sei mesmo onde ele se encondeu, e o seu esconderijo, continuou ele fixando a Apraxin, foi tão estranho, que estou desconfiado da minha revista á casa.

A russa fez-se livida como a morte, mas não mudou de fisionomia;

—Está a despertar a minha curiosidade, disse ela friamente; pensei que á sua perspicácia nada escapava.

—O assassino, continuou Holmes, quebrou com um instrumento muito bocado, talvez com um martelo; o cráneo da condessa. Uma pancada dêsse estranho instrumento, foi o bastante para a matar instantaneamente.

—E qual terá sido o motivo porque assassinaram essa linda mulher, que decerto não tinha inimizades, disse o inspector da policia.

—Talvez o saiba, senhora Vanda? disse Holmes á jovem russa.

Esta encolheu os hombros, mas fitou firmemente o policia, com os seus grandes olhos pardos.

—Como poderia eu saber êsse segredo, se mesmo o senhor anda na escuridão, disse ella então.

«A condessa tinha uma extensa correspondencia; talvez essa pudesse lançar alguma luz nisto.

—Poderia dizer-nos, perguntou de novo á dama de companhia, se veio hoje; cá, alguém informar-se da saúde da condessa?

—Na minha presença, não, disse ella com voz firme.

Então quem era êsse homem, interrompeu o inspector, que desceu a escada quando eu saía com os meus empregados e que levava uma pequena mala na mão?

«Parece-me que lhe disse algumas palavras.

—Ah! respondeu indifferente a russa, foi o nosso compatriota, que ontem á noite exhibiu Hing-Tong.

Uma exclamação de grande satisfação resouu. Era Sherlock Holmes que a tinha soltado.

—O quê disse Apraxin indifferente, julga por ventura que foi êsse artista quem cometeu o assassinio? Então te-lo-ia de certo descoberto quando passou revista ás casas.

—Não, respondeu Holmes, enquanto que o seu rosto palido se tornava vermelho; não foi elle o assassinio menina Apraxin; mas então o que fazia elle aqui esta manhã?

«Suplico-lhe que me diga a verdade; a minha fama de policia está em risco; diga-me o que queria aquele homem?

A dama de companhia hesitou um momento. Os seus olhos faziam um esforço para lêr nos do policia.

—Meu Deus, disse ella então, porque encara isso por uma forma tão tragica? Porque não hei-de dizer a verdade?

«Êsse homem veio simplesmente buscar a rodagem do seu automato, que não poudo levar para casa porque não veio o seu criado.

«Acredita agora que tenha dito a verdade?

—Sim! exclamou Holmes muito alto, disse a verdade; mas o que aconteceu então para que eu não tivesse visto ontem á noite a mala? Sabe muito bem que revisei minuciosamente a casa inteira.

Mais uma vez a dama de companhia lançou um olhar estranho a Holmes.

—O nosso compatriota julgou que a mala não podia ser guardada melhor do que na minha cama, e foi por isso que não descobriu nada.

—Mas porque não me informou disso nem á condessa?

Vanda Apraxin, ria-se com ar de troça.

—Porque só procurava um assassino, ou para melhor dizer, uma pessoa que podia ser perigosa para a condessa durante a noite. Ou talvez julgue que naquella pequena mala, que não era maior do que a malasinha com estajo de viagem da infeliz condessa, estava escondido o assassino?

—O que eu julgo, miss Vanda, respondeu Holmes, por enquanto não o direi. Apenas lhe digo que teria dado ordem immediata da sua captura como cumplice do assassino, se não me tivesse dito a verdade.

«Veja êste trapinho; encontrei-o pendurado na sua coberta da cama. Provem do cofre onde estava encerrada a rodagem do automato.

Vanda Apraxin ergueu-se rígida; as narinas tremiam olhando furiosa para o policia. Depois voltou-lhe as costas e dirigiu-se ao inspector Gordon.

—Espero, disse ella, que agora me poderei ir embora, ou tambem o senhor tem perguntas a fazer-me?

Não, respondeu Gordon, olhando de revés para Sherlock Holmes, acho que se poderá ir embora,

Como uma rainha ofendida, a dama de companhia saiu do quarto.

O delinquente

—E que fazemos nós agora? disse baixinho o inspector da policia para o seu velho amigo.

Em primeiro logar, leve consigo todas as joias que encontrar nas gavetas dessa cômoda. Parece-me que mão estranha passou por aqui.

E os documentos que estão aqui dispersos? perguntou Gordon.

Com um sorriso de mofa, indicou Holmes a chaminé. . . Chegamos tarde de mais; tudo que nos po-

deria interessar, foi queimado pelo assassino. Ele foi mesmo tão cuidadoso, que desfez a cinza em pó, para que se não pudesse com auxílio químico fazer aparecer as letras do papel queimado.

«Bom, disse ele; depois do inspector ter guardado as joias; agora deixe aqui um dos seus agentes de sentinela, e depois vamos embora; o resto lhe direi pelo caminho.

Chegados á rua, olhou Holmes cuidadosamente para todos os lados, depois disse baixo para o inspector:

— Com a pressa levou consigo um estojo vazio, no qual esteve até ontem á noite uma joia cravejada de diamantes, que representava uma corôa de príncipe. Todos os arcos interiores estavam cravejados de rubis, e todas as outras pedras eram brilhantes. Era uma joia principesca, que também veio de um príncipe. Se tivermos a felicidade de descobrir o ladrão, poderemos então ver mais claro neste caso, porque devo confessar-lhe, caro Gordon, ainda não sei ao certo quem foi o auctor.

Também para mim é um enigma como o homem ponde introduzir-se; porque devemos pôr de parte a malasinha.

—Deixemos por enquanto fóra do jôgo a rodamem respondeu Sherlock Holmes, mande imediatamente telegramas para todos os postos de policia, para informarem todar as casas de penhores e joalherias do desaparecimento da joia. E agora, passe muito bem, estarei todo o dia em minha casa, no caso de precisar do meu auxilio ou quizer dar-me informações.

Com um aperto de mão separaram-se os dois homens, que tantas vezes já acontecimentos tragicos tinham juntado.

Sherlock Holmes, chegando a casa, não fez caso dos olhares repreensivos de Mrs. Bonnet, que ainda esperava com o almoço; também não reparou que o seu dedicado ajudante Harry Taxon o perseguia com olhares interrogativos.

Sem parar, andava no quarto dum lado para o outro, enquanto deitava nuvens densas do seu inseparavel cachimbo.

De vez em quando, deitava-se na sua cadeira de braços, para meditar sobre o mysterioso assassino.

De repente pareceu ter uma ideia feliz; foi buscar dentre as suas malas, uma, que tinha pouco mais ou menos o tamanho daquela onde o russo guardara a rodamem. Com uma fita metrica, mediu minuciosamente a parte de dentro da mala. Por fim ficou de pé deante da mala, perplexo.

—E' impossivel, murmurou êle, de todo impossivel, só se...

Foi interrompido na corrente dos seus pensamentos, pela campainha da porta da casa; era já tão tarde, que não ponde reconhecer no espelho, construido por êle proprio, e que lhe mostrava todas as pessoas antes de lhe entrarem em casa, a pessoa que acabava de tocar á campainha.

Harry Taxon tinha corrido a abrir a porta e em seguida ouviram-se passos pesados a correr pela esadua acima.

Com força foi aberta a porta da casa, e um homem com o fato todo rasgado, sem chapêu e com as mãos tintas de sangue, e com a respiração ofegante entrou no quarto onde estava Holmes.

—Tom Ryder, exclamou ele muito surpreendido, o que o traz por cá nêsse estado?

O interrogado levou tempo a falar; estava extenuado da corrida que tinha feito e parecia estar sem respiração.

Aceitando o convite do policia, deixou-se cair para cima duma cadeira.

—Sim, disse êle com esforço, o sr. Sherlock Holmes com certeza não imaginava no dia em que os nossos antigos companheiros o queriam deitar para os subterrâneos, e que eu ainda cheguei a tempo, que viria tão cedo buscar os seus agradecimentos. Sabe de onde venho agora.

—De certo, respondeu Sherlock Holmes, que o tinha examinado com olhares rapidos, vens directamente da esquadra de policia, donde fugiste.

—E' isso mesmo, repondeu simplesmente Tom Ryder, mas o motivo porque me prenderam e me puzeram a ferros, não sabe. Mas não se incomode a pensar; já lho vou dizer em poucas palavras, e depois se não disser que o seu amigo Gordon é um perfeito burro, não quero mais beber nem uma gota de brandy.

Tomou a respiração profundamente, e continuou:

É preciso que saiba, Sir, que sou o assassino da condessa Olitzky; ora, ria-se, sr. Holmes, mas veja os meus pulsos, por aí pôde ver como o caso foi sério para mim e ainda o é. Mas vou começar pelo principio.

Esta manhã, como passasse por uma rua bonita, vi o sr. que entrava a toda a pressa para uma casa elegante. Ah! pensei logo, aqui ha outra vez um trabalho para o meu afamado amigo. Curioso, aproximei-me da casa e queria olhar para dentro, quando saíu pela porta fóra uma jovem senhora e correu pela rua abaixo. Não quero dizer que ia a fugir, mas de certo tinha de fazer um recado com pressa. Como passou assim a toda a pressa por pé de mim, vi que tinha perdido um objecto brilhante; pensei primeiramente que era uma fivela do cinto, e ia deixar no chão o objecto quando de repente vi um scintillar e um brilho tão forte que disse comigo: Tom Ryder, de certo vale a pena abaixares-te, E o que havia eu de encontrar? Um broche de brilhantes em fóma duma corôa.

Até á tarde meditei o que devia fazer com êle; por fim fui a um joalheiro para revender.

O que julga que este fez comigo? Mandou-me prender por um policia que precisamente passava nessa occasião, que me levou para Scotland Yard.

Bom, digo eu, Tom Ryder tens hoje pouca sorte; de certo durante algumas semanas os teus amigos não te verão, mas julguei que ia ter uma apoplexia quando o inspector Gordon me declarou que o broche pertencia á herança da condessa Olitzky que foi assassinada a noite passada.

Senhor Gordon conhece infelizmente tão bem como o senhor a minha vida agitada; sabe sobretudo que a saca me vem muito facilmente a mão, e por isso fez simplesmente troca de mim quando lhe contei como cheguei a possuir o broche. Então comecei a fazer-me furioso e queria defender-me energicamente das suas acusações, quando me mandou pôr umas algemas e seguir para uma cela.

Mas como estou sempre preparado para essas pequenas brincadeiras, numa hora tinha adquirido a minha liberdade. Não foi muito facilmente, como bem vê senhor Holmes, mas sempre o consegui. E agora estou aqui para falar consigo.

—Fizeste muito bem nisso respondeu o policia, que de vez em quando, durante a narrativa do seu conhecido do mundo criminoso, sorria-se com ar de troça.

Sei, sr. Holmes, tomou Tom Ryder outra vez a palavra, que não me julga o assassino da condessa Olitzky, e por isso lhe peço para se interessar um pouco pela minha causa e ajudar o seu amigo Gordon a encontrar o verdadeiro assassino, porque sabe muito bem quando a policia julga ter um assassino na mão, não o larga tão depressa.

Sherlock Holmes deitou uma grande nuvem de fumo para o ar.

—Sim, disse êle depois tranquilamente, vou fazer-te esse favor, mas em troca exijo de ti um serviço.

Admirado, Tom Rider olhou para o afamado policia.

—Tudo o que quizer, disse êle rapidamente, a unica coisa, que lhe peço é que me livre das garras desse sr. Gordon, que, por sua vontade, já me mandava amanhã cortar a cabeça.

Então o que quer que faça?

—Voltar immediatamente, respondeu Sherlock Holmes, e apresentar-te ao sr. Gordon.

—Com os diabos, gritou Tom Ryder, correndo para a porta, safo-me da chuva para me deitar na caldeira; se não me pôde dar melhor conselho, não valia a pena ter-me raspado da sombra e vir aqui.

Sherlock Holmes encolheu os ombros e poz tranquilamente uma perna em cima da outra.

—Se tens tanta confiança em mim, então é preciso seguir os meus conselhos cegamente. O verdadeiro vestigio do assassino já descobri eu, mas, para alcançar exito, ninguém deve desconfiar que não és tu o assassino, nem mesmo o sr. Gordon; deixa então que te julguem o assassino, e em quinze dias espero ter descoberto o verdadeiro autor e assim poder tirar-te da tua desagradavel posição.

Tom Ryder coçou atrás das orelhas sem saber o que fazer; não se sentia muito bem dentro da sua pele,

—Bom, disse êle por fim, e depois dalguma meditação, tenho confiança em si; não tem á mão alguma coisa que se beba? tenho a garganta seca da aventura de hoje.

A um sinal do seu mestre Harry Taxon, trouxe uma meia garrafa de brandy, que Tom Ryder despejou em poucos instantes.

—Bom, disse êle com um profundo suspiro, agora vou por-me a caminho para sr. Gordon, mas deixei-me dizer que quando para cá vim esperava outro conselho seu. Não quer ao menos ir entregar-me ao seu amigo?

Bôa ideia, respondeu Holmes condescendente, talvez seja melhor assim. Mas deves dar-me licença de te levar algemado no nosso passeio para Scotland Yard.

—Seja, se assim o quer.

O policia pegou numa cadeia daço, e pô-la em volta do pulso direito do antigo saltador e acompanhou-o ao posto principal da policia.

Era de prever que alguns transeuntes observassem este por desigual, principalmente porque o policia não se tinha dado ao trabalho de esconder a corrente.

Já não faltavam cem passos para chegar ao portão principal, quando de repente Holmes parou.

Ali, em frente ao edificio andava para um lado e para o outro vagaresamente um homem; não escapou á prespicacia de Sherlock Holmes que êle lançava olhares prescruadores em volta de si, e que agora se fixavam nele e no seu companheiro. Não havia duvida; era o apresentadore e dono do automato maravilho.

—A coisa vai em bom caminho, murmurou Holmes quando chegou com Tom Ryder junto do edificio.

Ora graças a Deus, exclamou o inspetor de policia quando viu entrar no gabinete o seu amigo Holmes e o seu preso; já estavam desolados por se nos ter escapado o assassino.

Na verdade tem mão feliz?

—Isso tambem diz Tom Ryder, respondeu Sherlock Holmes, mas agora só lhes posso dar o bom conselho de o guardar melhor.

Sabe mais alguma coisa acerca do assassino? continuou êle depois de terem levado o preso.

Nem a mais pequena coisa, respondeu mr. Gordon um pouco embaraçado.

Continua a ser um mistério como o homem entrou em casa da condessa Olitzky. De certo não lhe fez pelo caminho confissão alguma?

—Não, respondeu Holmes, deixo tudo ao cuidado da sua perspicacia. Mas agora, adeus, ainda tenho muito que fazer.

Holmes dirigiu-se com vagar para casa. O russo que tinha ha pouco, desaparecera; de certo tinha ido levar a noticia aos seus amigos de que afamado policia de Londres acabava de levar preso o assassino da condessa Olitzky.

Defronte de sua casa encanou com um mancebo que podia bem ser, conforme a descrição de mrs. Bonnet, o mesmo que esta manhã se tinha informado dêle,

—Tenho uma carta para lhe entregar, sr. Sherlock Holmes, disse o estranho ao notavel criminalista.

A pronuncia dessa frase provou logo a Holmes que era russo.

Chegado a casa, leu Sherlock Holmes as seguintes linhas:

Mr. Sherlock Holmes.

Se quer ter informações acerca dos antecedentes da condessa Olitzky, do seu comportamento e das suas acções em Londres, tenha a bondade de ir esta noite ás 11 horas a Regent Bridge onde o espera um barco. Não tenha receio. Se tiver em seu poder alguns documentos pertencentes á condessa, pede-se para os trazer consigo.

«O comité dos compatriotas russos.»

Durante algum tempo meditou Holmes se devia aceitar est: convite ou simplesmente fazer de conta que não o tinha recebido.

Uma das coisas era tão perigosa como a outra.

Lembrou-se dos casos de apoplexia de que eram vítimas as pessoas onde o russo tinha apresentado o seu Hing Tong; para elle não havia duvida que em todos esses casos havia crime e que o dono de Hing Tong tinha a mão nò jogo.

Portanto decidiu-se a aceitar o convite, acontecesse o que acontecesse. Também não queria levar arma nenhuma, porque só poderia ser perigoso para elle, dada a superioridade que de certo encontraria.

Mas que queria dizer o comité dos compatriotas russos com os documentos que devia levar? Ele não tinha nem cartas nem outros documentos da condessa Olitzky.

—Com certeza juntam-se ali todos os fios relativos aos assassínios, disse elle consigo. Se chego a saber alguma coisa do comité acerca das relações da condessa Olitzky, isso muito me ajudaria a descobrir o assassino; vou portanto em todo o caso.

Foi-se embora depois de ter expressamente desejos de o seguir.

—O caso é de todo inofensivo, respondeu elle ás objecções de Harry, e mesmo que fosse perigoso, tu nada podias valer-me hoje; mas tenho a certeza de que pela manhã estarei de volta de perfeita saude.

A noite estava escura e chuvosa; apenas ponde descobrir o barco no logar indicado. Enquanto olhava ainda incerto, dirigiu-se para elle em forma humana, que, evidentemente tinha uma barba postíça e uma mascara, porque só lhe ponde descobrir os olhos. Ele já devia ser conhecido deste misterioso homem, porque apenas o viu, fez um sinal ao arrais, e com um gesto, convidou o nosso amigo a tomar logar no barco.

Os homens remaram rio abaixo, e esforçaram-se por atingir a margem oposta.

Era um sitio muito mal frequentado e bastante longe da City, por detrás da doca Royal.

Emfim chegaram a um logar pouco acessível onde abordaram, e Holmes para não se molhar, teve que dar um grande salto.

—Deixe-seir aomeu lado, disse o guia, que durante todo este tempo não tinha falado; estamos quasi chegados.

O caminho ia dar a umas ruas muito estreitas e tortuosas; não foi possível a Holmes distinguir os leitreiros das ruas, porque a maior parte dos candeieiros deste sitio duvidoso, já estava apagada. Finalmente o desconhecido parou em frente duma casa de insignificante apparencia, a cuja porta bateu duma maneira especial. Esta abria-se sem ruído, e os dois homens entraram.

Condenado á morte

Profunda escuridão os envolvia. O guia, parecia conhecer tudo isto muito bem, pegou na mão de Sherlock Holmes e arrastou-o rapidamente consigo. O que o policia ponde descobrir foi que passaram por um comprido estreito corredor, até chegarem outra vez a uma porta que já estava aberta.

—Vamos descer quize degraus, disse baixinho o estranho guia a Sherlock Holmes, e essa observação foi a tempo, porque sem ela de certo Holmes teria quebrado a nuca nestes degraus estreitos e muito gastos.

Agora entrou para um subterraneo iluminado por um archote preso a nma argola. A porta fechou-se atraz deles.

Depois de Sherlock Holmes se ter habituado á luz, viu-se então num compartimento abobodado, cujas paredes estavam guarnecidas de emblemas revolucionarios, caveiras e armas.

A uma mesa muito simples, estavam sentados quatro homens, que tinham a parte superior do rosto tapado com uma viseira, enquanto que a inferior estava disfarçada com uma barba negra e densa.

O guia deu-lhe uma cadeira enfeitada por uma forma estranha, de ossos humanos, e sentou-se ao seu lado, tal e qual como um guarda de prisão diante da justiça a que tivesse levado um preso.

O policia não ponde reprimir um sentimento de pavor, compreendeu que a sua vida estava nas mãos desses homens, que podiam assassinar e enterrar, sem que o policia o mais perspicaz, pudesse descobrir o seu paradeiro.

—E' um amigo, da condessa Olitzky? perguntou um dos quatro homens que pareciam ter tomado a presidencia.

—Amigo; é demais, respondeu Holmes; tive occasião de conhecer ha anos de mais de perto a condessa, quando residia em S. Petersburgo.

—De certo a condessa falou-lhe das suas relações com o principe Kutusoff? continuou o desconhecido a perguntar.

—Sim, respondeu Holmes, sei que ele foi amante da condessa.

—Não sabe que ele o foi até ao ultimo dia da sua vida?

—Não; em suma, não me occupava com os namoros da condessa, respondeu o policia.

Trouxe os papeis que recebeu da condessa Olitzky?

—Nunca recebi cartas ou outros documentos da condessa.

Então entregue-nos os papeis que levou esta manhã da gaveta, em casa da condessa Olitzky.

O policia levantou-se indignado, as suas faces tornaram-se vermelhas de cólera.

—Acusam-me aqui dum roubo, exclamou ele num tom ameaçador.

—Roubo ou não, gritou o desconhecido indignado.

—Não quererá a negar que procurou papeis na cómoda; papeis que são para nós de maior importância.

Dou-lhes a minha palavra, respondeu Sherlock Holmes, que nem busquei documentos, nem levei comigo nenhuns. Encontrei esta manhã na chaminé restos de papeis queimados; talvez, entre estes, se encontrem documentos a que se referiu.

—Não, respondeu o presidente do comité, isso eram papeis de pouca importância.

Sherlock Holmes estremeceu de surpresa.

Ah! exclamou ele, se conheceu esses papeis e o seu conteúdo, entrou o senhor ou seus cúmplices em casa da condessa antes da chegada da policia, e verificaram os papeis. Como poderia saber doutra maneira se eles eram importantes ou não?

Durante um minuto fez-se um profundo silencio. O homem que fazia aqui duma especie de juiz, estava visivelmente consternado; via que tinha cometido um erro.

—Deve ser-lhe indiferente, disse ele por fim, de que modo chegamos a saber isso: quero crer que não nos quererá acusar de assassinos da condessa Olitzky?

Todos os olhos estavam dirigidos ansiosamente para o policia, mas este não preferiu palavra.

—Estão enganados, disse ele com sangue frio e sem medo, a pessoa que entreguei esta tarde á policia, não era o assassino da condessa Olitzky.

Com satisfação observava a impressão que tinham feito as suas palavras. Todos ficaram pasmados como estatuas. A declaração de Sherlock Holmes foi de de certo uma grande desilusão para eles.

—Então de certo já descobriu outro indicio? perguntou o presidente com voz incerta.

—Encontrei, respondeu o policia em tom firme.

—E onde julga que se pode encontrar o autor? continuou a perguntar o presidente.

—Entre os senhores, exclamou Holmes sem se importar com as consequências que podiam surgir dessa declaração.

Como electrizados, saltaram todos das suas cadeiras, tendo cerrado os punhos involuntariamente; o policia sentiu a respiração ofegante sair de todos aqueles peitos. O unico que parecia estar mais sereno, era o presidente do comité.

Se nós o tivéssemos feito, gritou ele com voz tremula de excitação, tinhamo-lo feito para nos defendermos; sabemos que a condessa Olitzky ainda era amante do principe Kutusoff, o terrivel governador de Petersburgo; que veio para Londres por

causa dele, a fim de travar relações com os compatriotas que residem aqui e para os denunciar a Kutusoff.

—Tambem sabemos que ela tinha uma lista minuciosa dos patriotas que podiam ser perigosos para o governo, russo e para o imperador; por fim, sabemos que o principe Kutusoff, actualmente em Paris, queria obter outra vez a clemencia do Czar.

—Com o nosso sangue, queria esta patifa abrir mais uma vez caminho para essa clemencia.

—E nós deviamos de hesitar um momento que fosse em afastar essa horrivel cumplce por meio de assassinio? Nós chamamos a isso defeza.

Sherlock Holmes tambem tinha saltado da sua cadeira.

—Isso chama-se apenas um assassinato, gritou ele, infame assassinato para que não ha desculpa. Apresente-me provas das suas afirmações. Onde está a lista dos conspiradores? Enquanto não me apresentarem, não acreditarei na cumplcidade da condessa Olitzky.

—Ah!, exclamou o presidente, como preso duma inspiração repentina, o senhor era o cumplce da condessa: pelo tom triunfante da sua conversa, compreendi que a condessa lhe tinha, ela propria, entregado o documento, ou que então o roubou depois da sua morte, como já a afirmámos.

—Já lhes dei a minha palavra de honra que nada sei a respeito desse documento disse ele.

—De que nos serve a sua palavra de honra; sabe perfeitamente que já não sairá daqui com vida.

Sherlock Holmes riu-se ironicamente.

—De via ter-me logo convencido de principio, o que tinha a esperar de assassinos.

O presidente voltou-se para os seus cúmplices.

—O que merece este homem que foi cumplce da nossa mortal inimiga?

—A mortel responderam todos, como se fôsse uma só voz.

«A morte pela bomba!

Sherlock Holmes perdeu por um minuto o sangue frio; sabia que não lhe viria socorro de parte alguma; ninguém poderia adivinhar onde ele estava neste momento. Esta casa não era habitada, e assim podiam os compatriotas russos exercer, sem serem incomodados, a sua vingança. Mas depois teve um gesto de desespero. Se, ao menos, tivesse o seu revolver, mais do que um o teria acompanhado para as sombras da morte, mas não tinha ele braços e pernas robustas para poder bater-se? Não podia êle com as suas mãos fortes enganar um ou dois desses miseraveis assassinos?

Deitou-se ao presidente, agarrou-o pelo pescoço com a mão direita e com a esquerda arrancou-lhe a mascara e a barba postiça.

Olá! gritou ele com voz triunfante, o dono e o apresentador do automatico jogador do xadrez, como já tinha desconfiado!

Mas no mesmo instante pareceu-lhe que tudo lhe andava em roda, e caiu silenciosamente para o chão,

pois tinha recebido do homem que o acompanhou no barco, uma horrível pancada no crâneo.

Quanto tempo esteve estendido no chão sem sentidos, nunca o soube.

Quando recuperou os sentidos, viu que estava sentado numa sala, numa cadeira, a qual estava atado com correias. Em volta dele estavam cinco cúmplices.

—Merceste a morte, lhe disse o presidente, que já achava inutil pôr outra vez a barba e mascara; —daqui a um quarto de hora a bomba que está por baixo da tua cadeira, fará explosão. Esta casa chegou ao seu fim, e nós vamos a Paris visitar o nosso amigo Kutusoff; que te enterrem depois nos seus destroços!

Ele pegou no archote com que deu fogo ao rastilho, e, com horror, viu o celebre politico como este se consumia centimetro a centimetro; enquanto os cinco assassinos se afastavam e fechavam atraz deles a pesada porta de ferro. Era inutil gritar por socorro; ninguém o teria ouvido.

Reconheceu que estava tudo perdido. Ainda nunca a morte lhe tinha passado tão perto e aparecido por uma forma tão horrorosa. Se, ao menos, lhe tivessem dado uma morte rapida com uma bala, mas devia espera-la durante um quarto de hora.

Tinham fixado a cadeira ao chão de pedra, por forma a não se poder mecher do seu logar.

Holmes estava ofegante e desalentado; tinha de se entregar á sua sorte, que era inevitavel. Agora apenas faltava um pé de distancia para a fásca chegar á cadeira.

Em cinco minutos devia haver a explosão; em cinco minutos estava acabada a sua vida.

Mas de repente uma mão agarrava a sua; era a duma mulher.

Um extranho perfume vinha agora até elle; mas onde tinha já notado este mesmo perfume? Ah! lembrou-se, foi hontem á noite, quando acompanhou Vanda Apraxin, a dama de companhia da assassina-da. Não havia duvida; Vanda Apraxin era a sua salvadora, e também tinha a firme convicção de que ella era aliada dos patriotas russos, e que sabia tudo a respeito do assassino da condessa.

Era ella melhor do que os assassinos? E era a ella que elle devia agradecer a sua salvação? Só retirou a sua mão da dela, quando esta lhe disse:

—Para a frente, para a frente! Em poucos minutos voltarão elles que desconfiaram de que eu queria fazer isto. Para aqui, continuou ella guiando-o por uma escada, e agora, corra tanto quanto puder em direcção ao Tamisa; a sua vida está em jogo. Ali encontrará o barco que o trouxe para cá. Ainda um aviso: não se mostre na rua nestes dias mais proximos, nem ás janelas da sua casa, porque está em constante perigo. E agora seja feliz e lembre-se duma desgraçada.

—Não deixo esta casa sem a senhora! disse Holmes, porque de certo também corre perigo.

—Não, não, gritou Vanda, estou em segurança; depressa saia desta casa!

Ela empurrou-o, por assim dizer, pela escada num momento estava na rua. Para esse lado devia ser o rio; correu por ruas estreitas; já respirava o ar puro do Tamisa; a sua boa estrêla não o tinha abandonado.

O barco, ali estava no mesmo sitio onde os homens que o tinham trazido da Regent Bridge para aqui, o tinham deixado.

Num grande salto, atirou-se Holmes para dentro do barco, mas já ouvia o barulho de passos de muitas pessoas, que com certeza eram os seus perseguidores.

Não voltou para Regent Bridge, onde tinha em barcado; atravessou o rio transversalmente e foi desembarcar em lugar conveniente, tomando em seguida um trem que o levou a casa a toda a pressa.

Davam justamente três horas da manhã quando entrou em casa.

A emboscada

—Meu Deus, mestre, disse Harry para o afamado policia, que estava a dormir profundamente em cima da cama, ainda não quer acordar, e começo a inquietar-me déveras.

Holmes abriu os olhos. Devia ter tido um sonho horrivel, porque tinha a testa inundada de suor. Como absorto, fixou o seu jovem ajudante, depois vagueou o olhar em volta do quarto, como para se certificar se estava realmente em sua casa. Agora já se lembrava de tudo, e com um movimento rápido, sentou-se na cama.

—Com os demonios, exclamou dando um suspiro de alivio, julgava que estava ainda no meio desse horrivel comitê.

—Sem duvida foi uma noite horrivel, disse Harry Taxon, que estava morto por saber a aventura do seu mestre.

—Sim, respondeu Holmes, tão perto, que estava apenas um passo distante de mim, e já não tinha esperança algumas de salvação.

Em poucas palavras, contou ao seu discípulo o que lhe tinha acontecido, durante a noite.

—Não veiu cá ninguém esta manhã perguntar por mim?

—O unico acontecimento que houve, foi que tive que pôr fóra do jardim, á força, um homem com um realejo; o homem tocava tão infatigavelmente as suas musicas, que Mrs. Bonnet e eu chegámos quasi a endoidecer.

Durante esta conversa, tinha-se o policia levantado e vestido vagorosamente.

—Ah, sim, disse ele espreguiçando-se, não achaste nada mais digno de nota nesse homem?

—A unica coisa que notei, respondeu Harry, foi que rogou uma praga numa lingua estrangeira, quando o levei á força para fóra da porta do jardim.

—Muito bem, explicou Holmes, fizeste nisso muito bem, meu filho.

Nisto, tocaram á campainha da porta da casa.

—Vê lá, meu amigo, quem deseja entrar.

—E' o carteiro, disse simplesmente Harry, quando voltou de ter aberto a porta.

—Vem justamente em boa ocasião, disse Holmes para ele. Vai, Harry, recebe-lo; estou já ouvindo os seus passos pesados na escada.

Atentamente, olhava pela greta da porta de comunicação, por onde podia ver o homem que entrava; depois, agarrou numa pesada bengala de carvalho que estava a um canto do quarto de dormir, abriu rapidamente a porta de comunicação, saltou em cima do carteiro e deu-lhe uma tão forte bengalada no cráneo, que este caiu no chão desmaiado.

Harry deu um grito de horror.

—Mas, mestre, gritou ele com voz trémula de excitação, —está doido?—Como tem coragem de maltratar duma maneira tão horrível um velho empregado?

Holmes tinha deixado cair no chão a bengala, e inclinou se para o homem desmaiado, depois sorriu-se.

—Este é por ventura o nosso velho amigo e conhecido? perguntou por fim.

—Não, respondeu Harry, mas provavelmente é um substituto, e talvez o nosso carteiro conhecido esteja doente.

—Vê isto, meu filho, continuou Holmes abrindo o sacco da correspondencia do suposto carteiro; aqui estão as cartas de valor que ele nos queria entregar.

Dizendo isto tirou do sacco dois revólveres carregados com seis balas, e mostrou-os ao amigo.

—Estes eram destinados para ti e para mim. E se não tivesse a mão tão leve, as consequências seriam inevitáveis; reconheço que este homem é sem duvida alguma, um sócio do comité que tão amavelmente me convidou para uma visita.

Harry, ainda não se tinha refeito do susto e da surpresa.

—Mas, o que faremos agora a este patife? perguntou ele indeciso.

—Vais já ver como ele se vai raspar outra vez, respondeu o policia tranquilamente; deita-o pela esca abaixo para o acordar de todo, e empurra-o logo pela porta fora.

Depois fechou a porta bem á chave e volta depressa para cima; verás depois daqui como logo estarão ao pé dele umas mãos prontas para o segurar e se occuparem dele. Tenho mesmo a certeza de que os seus cúmplices esperam na rua para ver se o atentado sortiu efeito.

E na verdade os dois amigos viram que alguns sujeitos bem vestidos se deitaram ao suposto carteiro e o levaram o mais depressa possível dali.

—Propositadamente, os patifes deixaram-nos agora em paz, disse Harry para o seu mestre, porque sabem que os estamos a espreitar.

O afamado policia teve um desses sorrisos ironicos habituais.

—Deus queira, disse elle, como por enquanto não posso sair, preciso de passar o tempo distraindo-se. Tu és um distinto desenhador e pintor de caricaturas; vou buscar o cartão que sobrou da cosinha que fiz ao sobrinho da nossa querida Bonnet, pelo natal.

Bom, disse elle depois de Harry ter posto uma folha de papelão muito grosso em cima da mesa; agora desenha o meu retrato em tamanho natural, não te esquecendo do cachimbo; quero fazer com isso uma pequena habilidade. Em poucos minutos tinha-o do passado Harry ao cartão.

Todos aqueles que tivessem visto uma vez o policia, te-lo-hiam reconhecido nesse desenho.

—Muito bem, disse Holmes rindo-se, está perfeito. Agora recorta o meu perfil com muito cuidado, e toma cautela não cortes o cachimbo.

—O que queria fazer com isso? perguntou Harry sorrindo-se; quererá dar esta noite um espectáculo com fantasmagoria?

—Tens razão, querido Harry, é justamente isso que quero fazer.

Espero que nos divertiremos muito com isso.

Durante quasi toda a tarde, ficou Holmes no seu quarto de dormir. Este dava para o jardim donde, pela manhã, Harry tinha mandado sair o homem do realejo. O quarto de dormir tinha umas janelas muito baixas por onde se podia, do jardim, olhar para dentro.

Quando Harry entrou á noite, por acaso, neste quarto, ficou parado num momento, perplexo de admiração, pelos preparativos do seu mestre.

Perto da janela, tinha Holmes posto uma cadeira de balanço, em cima da qual, collocou o seu perfil recortado em cartão, e por detrás uma mesa com candeeiro aceso, de forma que o perfil do policia se desenhava distintamente na cortina da janela, e nem menos faltava o cachimbo a deitar fumo, ocasionado por uma vela.

Sentado numa cadeira baixinha, punha o policia a cadeira de balanço em movimento com o auxilio dum cordel; do jardim, devia fazer o efeito que Holmes estava confortavelmente deitado numa cadeira de braços.

—Fazes-me favor, disse elle para o seu ajudante, de te desviarestes para o lado; estás na mesma direcção do perfil de papelão e do candeeiro, e isso pode ocasionar-te uma desgraça. Deves sentar-te nessa cadeira ao pé do fogão.

—Não o compreendo hoje, mestre, respondeu o jovem meneando a cabeça.

—Daqui a pouco já me compreenderás suficientemente, mas agora ouve: conheces o meu amigo o dr. Jenkins. Se esta noite te disser para o ires chamar, corre sem réplica alguma logo para casa do médico, atravessando o jardim, e gritarás com todas as tuas forças: «Pelo amor de Deus, depressa um médico; o sr. Holmes está mortalmente ferido».

Compreendeste, Harry?

— Sim, mestre, mas...

Não ha mas, continuou logo que saír essa ordem dos meus labios, corre immediatamente.

E' preciso gritar pela rua toda acima? perguntou Harry ansiosamente.

Não, só enquanto atravessares o jardim; isso é bastante.

— E se não encontrar esta noite o doutor em casa? disse Harry.

— Has-de encontra-lo, porque já cuidei de tudo isso.

De vez em quando, dava um puxão no cordel, e a cadeira mexendo-se, fazia com que o perfil se mexesse na cortina da janela.

Assim estiveram os dois, longo tempo sentados silenciosos. Holmes fixava o seu fantasma, Harry olhava sempre para o seu mestre.

Quebrava inutilmente a cabeça para compreender o que significavam esses preparativos, mas não se atrevia a perguntar, porque sabia muito bem que o genial policia não o fazia sem motivo muito plausível.

Já tinha chegado a hora a que o jovem costumava ceiar, e lá justamente perguntar ao seu mestre se podia dizer á sr.^a Bonnet para trazer a ceia, quando viu o policia levantar um pouco a cabeça e olhar atento para o jardim.

Tambem lhe pareceu que alguém pisar devagarinho o cascalho dos passeios do jardim. Holmes deixou de balouçar a cadeira neste momento.

Nisto, um tiro acabava de soar do lado do jardim, a janela tinniu, e a cabeça de papelão tão artisticamente recortada, caíu para o lado, atingida por uma bala.

— Agora, Harry, disse Holmes, depressa, como te disse, para casa do dr. Jenkins. Não te esqueças de gritar:

Pouco depois ouvia-se Harry a correr pelo jardim, gritando:

— Por amor de Deus, depressa um médico; sr. Holmes está mortalmente ferido.

Sorrindo de contentamento, cruzou Holmes os braços e esperou assentado na sua cadeira baixa, a chegada de Harry e do medico.

— Então velho amigo, disse-lhe o doutor Jenkins, o que tenho eu a fazer aqui?

— Primeiramente, andar um pouco excitado de frente da janela e dum lado para o outro, depois inclinas-te para mim, e ligas-me a cabeça cuidadosamente como se tivesse recebido um tiro; depois poderás com o auxilio de Harry despirem-me e meterem-me na cama.

Bom, disse êle por fim, e depois de estar tudo feito conforme a sua vontade, e deitado confortavelmente na sua cama. Agora podes ir te embora outra vez.

Harry acompanhar-te-ha pelo jardim, e ali lhe poderás dizer que não passarei desta noite.

Depois de Harry Taxon ter ido a uma farmacia e trazido alguns medicamentos inofensivos, voltou para o pé do seu mestre.

— Ainda não compreendi, disse êle para este, porque estás deitado na cama com a cabeça ligada; era suficiente ter feito acreditar aos russos no seu ferimento.

— Isso seria bastante para outros inimigos, mas não para esses sanguinarios, respondeu Holmes.

«E' tambem preciso que eles me vejam, para sabermos que estou ferido mortalmente, depois, só então me deixarão em paz, e poderei continuar os meus projectos.

— Como poderá então, fazer com que cá venham os russos; depois da recepção que fez ao suposto carteiro, de certo nenhum se atreverá a entrar já em sua casa.

— Isso está por minha conta. São agora 8 e meia horas. Se te meteres imediatamente a caminho, encontrarás ainda miss Vanda Apraxin em casa de sua tia, Victoria Street 87. 2.^o... Dize-lhe que estou a morrer e que lhe tenho uma coisa muito importante, a comunicar.

Se não vier de seguida aqui, que morrerem entretanto.

— E se ela não quizer vir? disse Harry.

— Ainda melhor, porque é sinal de que acredita que a minha ferida é mortal; de certo ela já terá noticia disso pelos seus cúmplices. Executará o projecto combinado no comité com esses, e eu tambem, executarei o meu.

— Era melhor tratar-se e deixar em paz os russos; teve bastantes provas nestas ultimas 24 horas para saber que são uns adversarios perigosos.

Em caminho para Victoria Street, Harry Taxon teve as mais confusas ideias.

Agora estava ele diante da casa onde morava a russa; quando lhe foi aberta a porta, já tinha estudado o seu plano. Encontrar a salvadora do seu amor em casa, isso já lhe parecia um feliz presagio.

— Venho da parte po sr. Sherlock Holmes, disse ele para a russa com voz sufocada.

Eu soube, que lhe aconteceu uma desgraça, respondeu Vanda Apraxin que estava muito palida.

— Morreu ha poucos minutos, mentia Harry fazendo uma cara muito afflicta.

A antiga dama de companhia deixou cair os braços aterrada.

— Então foi baldado o meu sacrificio, murmurou ella muito triste, tive tanto gosto em salva-lo.

O senhor Sherlock Holmes desejava tanto ter-lhe falado, mas a morte surpreendeu-o; ele apenas poudizer-me que viesse aqui pedir-lhe que cuidasse de mim.

«Fui o seu ajudante durante muitos anos e auxiliei-o tambem muitas vezes nos seus negocios policiaes. O sr. Holmes julgou que talvez lhe pudesse servir de criado: venho então pedir-lhe que experimente. Talvez algum dia possa precisar da minha protecção.

— Fala francès? perguntou ella ao mancebo, como se tivesse tido uma subita ideia, ficando parada diante dele.

Como minha mãe materna, respondeu Harry apressadamente.

— Quer seguir-me para Paris? continuou a perguntar a russa; e provavel que tenha de me esconder durante algum tempo na minha casa de Paris. Sabe que sendo russa, serei observada em Paris pela policia russa. Falo muito mal o francês, e por isso a minha pronuncia atraioçar-me-hia logo.

Foi sempre o meu maior desejo ir outra vez para Paris, respondeu o mancebo. Com os muitos conhecimentos que tenho de linguas, poderia fazer-lhe todos os recados, e assim pode ficar em casa todo o tempo que quizer.

O mancebo, cada vez agradava mais á russa. Na verdade podia ser-lhe de grande utilidade em Paris; parecia vir de proposito para poder manter ás suas relações com os compatriotas russos e espiar algumas coisas no interesse do partido.

— Quando pode ir-se embora? perguntou-lhe ella num tom que denunciava a Harry que o seu plano estava prestes a obter successo.

Logo em seguida ao enterro do meu infeliz mestre, respondeu Harry, quer dizer, daqui a três dias.

— Mas isso é muito tarde; devo ir-me embora forçosamente amanhã á noite, mas não faz mal, aqui tem a direcção duma familia conhecida em Paris; aí saberá a minha morada. Depende das circumstancias, poder te-lo muito tempo ao meu serviço.

Quando Harry entrou outra vez no quarto do seu mestre, não pôde eximir-se a um sentimento de triumpho; não tinha ele desempenhado muito bem o seu recado? Fez ainda mais; sabia mesmo onde se poderia encontrar Vanda Apraxin em Paris.

A complacencia do lord

O comboio que ía com toda a velocidade de Calais a Paris e tinha comunicação com a linha dos vapores Douvres Calais, estava cheio de passageiros, principalmente de ingleses.

Vanda Apraxin pegou na sua bagagem de mão que era composta de uma manta de viagem, caixa de chapéus, estojo para guarda-chuva e sombrinha, e principalmente duma mala de mão, que não era muito leve.

— Deseja que a auxilie um pouco, disse um sujeito já idoso com barba grisalha dirigindo-se a ella; levei a mala até á alfandega.

— Para a alfandega! disse a miss assustada; julguei que em Paris os viajantes podiam passar sem revisão de bagagem.

— De certo, concordou o amavel velho, se fala sufficientemente bem o francês e se der uma pequena gorjeta aos empregados, de certo poderá passar sem ser incomodada. Mas tem então tanto medo da revisão das suas malas? ajuntou elle sorrindo, pegando numa e examinando-a.

— Pelo amor de Deus não mexa nella, disse a

russa; contém coisas muito frageis. Ficar-lhe-hia muito reconhecida se tratasse isso com os empregados da alfandega; dar-lhes-hei da melhor ventade algum dinheiro.

— Com muito gosto; a senhora é como a sua pronuncia a indica, decerto russa; misturaram já algum tempo policias russos entre os empregados da alfandega, decerto para vigiarem os russos que emigram. Talvez alguns dos seus compatriotas aceite para fazer as combinações com os empregados franceses.

— Não, por Deus! exclamou a antiga dama de companhia, puxando muito o véu para a cara; mais facilmente confio no senhor; talvez me possa fazer passar por sua mulher, se fôr necessario.

O inglês sorriu-se de contentamento, quando pegou na bagagem.

— Será para mim uma honra especial, respondeu elle, mas, ajuntou, está a tremer toda; não tenha cuidado, farei com que entre em Paris sem que haja contrariedades.

Logo que o comboio parou, a russa tomou o braço do velho, que, como não tinha bagagem, levou a da Apraxin.

Juntamente com os empregados da alfandega, havia-os á paisana que pareciam policias russos, e examinavam minuciosamente os passageiros.

O protector de Apraxin, dirigiu-se particularmente a um dos empregados da alfandega e conversou com elle por causa do despacho da mala.

Depois de alguns minutos, estavam de accordo, e já o official parisiense tinha posto a etiqueta de livre transito da mala, quando um dos policias russos lhe fez notar um bilhete antigo que estava colado na mala.

— O senhor vem da Russia, disse o empregado da alfandega ao sujeito já idoso, mas elegante.

— De maneira alguma, respondeu este, visivelmente admirado deste incidente.

Nessa mala ha um bilhete de bagagem de S. Petersburgo, disse o empregado.

— O que tem com isso? Não posso eu, diplomata inglês, viajar por onde quizer, ou por onde o meu governo me mande?

— Ah, meu senhor, peço-lhe mil perdões, mas este sujeito logo reconhecer nesta senhora uma sua conhecida de S. Petersburgo, respondeu o empregado da alfandega.

— Isso é simplesmente ridiculo; como poderia minha mulher estar em contacto com esse senhor, que de certo é um policia?

«Se não me deixa immediatamente ir embora, farei queixa ao meu embaixador. De resto sou muito amigo do príncipe Kurusoff, de Petersburgo, que vive actualmente em Paris como particular. Se tiver motivo para tirar informações acerca da minha pessoa, dirija-se ao príncipe; aqui o meu cartão.

O sujeito elegante, viu com surpresa que a sua companheira cambaleava como se estivesse prestes a desmaiar: amparou-a de maneira que ella teve de encostar-se toda ao seu corpo.

O policia russo, ficou visivelmente embaraçado quando ouviu pronunciar o nome do príncipe Kutsoff, e fez rapidamente um sinal ao empregado da alfandega.

— Podem sem obstáculo passar a linha de vedação, disse ele delicadamente.

O Lord inglês chamou um trem, e subiu com a senhora.

— Onde me dá licença que a acompanhe? perguntou ele quando tinha tomado o seu lugar.

— Se me permite, acompanho-o para sua casa ou para o hotel, disse ela apressadamente. Estou sendo perseguida, a policia russa observa-me e está desconfiada de qualquer coisa.

«Suplico-lhe, suba depressa para o trem, porque a minha vida está em perigo.

O inglês deu ao cocheiro, em voz alta, o nome de um dos melhores hotéis, e no mesmo instante partiu o trem a toda a pressa.

— A senhora de certo é nihilista? perguntou o Lord pelo caminho, fixando-a atentamente.

— Quem nos nossos tempos não é nihilista, respondeu ela com voz ofegante. O que é certo é que a policia russa me conhece, e talvez tenham mandado os meus sinais quando parti de Londres para Paris. Se deseja fazer-me mais um favor, observe as imediações do hotel, e veja se não somos seguidos por um trem que pára ao mesmo tempo que o nosso.

O inglês fez uma cara severa, mas não disse palavra. Contudo, quando pagou ao cocheiro, viu uma segunda carruagem de onde saía um sujeito. Devia ser o policia russo que opôs tantas dificuldades á sua companheira.

— Ele quer certificar-se, murmurou o inglês, se efetivamente a russa desceu comigo. Parece não acreditar muito que somos casados. O caso principia a ser interessante.

— Lord Poinrose e esposa, escreveu ele no livro dos hospedes.

Alguns dois quartos contíguos, dos quais poz um á disposição da russa.

— Não sei, disse Apraxin, quando ficou só com o protector, como lhe hei-de mostrar a minha gratidão.

« Salvou-me d'um grande perigo, a mim e talvez a numerosos companheiros da desdita.

Hum, disse lord Primrose, ainda quero fazer mais em seu favor.

Admirada, olhou a russa para ele, não podendo explicar as suas palavras.

— Aniquilarei a sua mala que tão funesta esteve quasi a ser-lhe.

— Não fará isso, meu senhor, não se trata só de um segredo pessoal.

— Isso é-me indiferente, respondeu o inglês, julga talvez que não sei qual é o conteúdo da sua mala? Seria possível que eu auxiliasse, ainda que indirectamente, um atentado nihilista?

A antiga dama de companhia olhou embaraçada para a sua frente; viu-se descoberta, e sentiu que estava completamente nas mãos do ancião.

— Medite no caso, continuou este; como homem honrado, não tenho senão este caminho: ou destruir o conteúdo da mala, ou entregá-la á policia.

A russa travou durante um momento um combate rude; o que devia fazer? Deitou um olhar furtivo para o inglês, para verificar se seria possível negociar com elle. Mas a sua fronte, mostrava uma severidade inflexivel; os seus olhos tinham uma expressão tão penetrante, que elle teve que abandonar logo essa ideia.

— Entrego-lhe a mala, disse ella respirando profundamente, mas peço-lhe para interesse proprio que tenha muita cautela com ella.

— Esteja descansada; esta noite vou leva-la a uma ponte e ali a deitarei com as minhas proprias mãos no Sena. Será isso sufficiente para tornar inofensivo o seu conteúdo?

O lord inglês, que entretanto, tinha tirado o sobretudo e tocado a campainha para chamar o criado de quarto, sacudiu a cabeça grisalha, aprovando.

— Tão depressa não pode deixar o hotel, porque isso provocaria desconfianças. Sabe porventura se estarão lá fóra os seus inimigos que a perseguem passo a passo?

No dia seguinte, estavam os dois a tomar o café, quando bateram á porta, e um criado entrou.

— Esta carta foi agora mesmo entregue para o mylord, disse elle entregando um envelope elegante ao inglês.

Este apenas deitou um olhar furtivo á carta, depois meteu-a no bolso.

— E' do meu banqueiro, disse elle com despreocupação, quando Vanda Apraxin olhou para elle de uma maneira interrogativa.

« Diga-me, disse elle levando devagarinho e chavena á boca, já reflectiu onde a sua sorte a conduzirá se não se despendrer a tempo dos nihilistas?

Ora, respondeu a russa, isso sei eu positivamente: á morte.

— Sim, á morte na forca, para um fim prematuro, vergonhoso e sem honra.

— Tudo isso sei eu, mas nada disso me impede de levar até ao fim o meu dever.

— Bom, eu fiz a minha obrigação; avisei-a. Acredite que não será feliz aqui.

A russa fez uma cara surprehendida, e continuou a deitar para o ar o fumo da sua cigarilha.

Lord Primrose levantou-se e despediu-se da sua suposta esposa.

— Vou ao meu banqueiro, mas espero estar de volta para o jantar.

Chegado ao seu quarto, tirou a carta do bolso, e foi lê-la para o vão de uma janela, para ter, a certeza de que não era visto pela russa, pelo buraco da fechadura da porta.

« Mylord, lia elle, soube agora mesmo, por um confidente, da sua chegada. Terci muito gosto, se o seu tempo lhe permitir, recebe-lo aqui, porque estou doente de cama.

«Cria-me com a mais distinta consideração, seu dedicado.

«Kutsoff.»

O lord deixou cair de vagar a carta, e olhou pensativo para fóra do janelão.

—Não resta duvida, murmurou elle, que o príncipe está bem informado: Como parece, foi o policia russo mesmo hontem á noite falar com elle, e contou lhe a minha aventura com a nihilista.

O homem não é tão parvo como julguei; não se deixa enganar. Então agora pode ella muito bem ter cautela com os russos; não posso fazer por ella mais do que eu fiz.

Depois do lord Primrose se ter certificado que a sua suposta esposa não tinha saído do quarto, vestiu-se cuidadosamente, e foi para casa do príncipe Kutsoff.

O criado que o recebeu, fez primeiramente uma cara duvidosa; parecia ter ordem de mandar embora todas as pessoas desconhecidas. Mas apenas leu o cartão do lord, abriu logo a porta do quarto do seu amo.

O príncipe, uma figura alta e imponente, entrando nos quarenta anos, saltou surpreendido da sua cadeira, quando ouviu pronunciar o nome de lord Primrose.

—Desculpe-me, disse elle, dirigindo-se para o elegante inglês, parece-me tê-lo conhecido em Petersburgo, porque recorreu ao meu nome na alfandega. Por que motivo pronunciou o meu nome?

—Para me livrar das trapalhices da alfandega, respondeu lord Primrose, sorrindo-se amavelmente.

—Então, como parece, não me conhece, disse o príncipe Kutsoff, enrugando a testa sombria.

—Não, alteza, não o conhecia e tambem nunca o vi, foi a resposta.

O príncipe recuou um passo e abriu, como por distração, uma gaveta da sua secretária.

—Então não me enganei, o senhor não é nenhum lord Primrose?

—Tem razão, meu príncipe, respondeu o inglês com o seu costumado esgarço.

Patife, gritou o russo, puxando dum revolver da gaveta; então és um conjurado, um nihilista, que só se queria arranjar, entrando na minha casa. Nem mais um passo, ou mato-te como a um cão danado.

O falso lord passou muito tranquilamente a mão pela barba grisalha, e olhou serenamente para o príncipe.

Se eu fosse um dos seus inimigos, respondeu elle, então já não estaria vivo na minha frente, porque, deve concordar que teria sido durante os cinco minutos que durou a nossa conversa, um alvo vantajoso para uma bala.

O príncipe pousou a arma em cima da secretária. e teve que reconhecer a logica dessa resposta.

—Mas então, diga-me pelo amor de Deus, disse elle mais socegoado, porque entrou aqui com o nome falso? Sabe porventura, que deu a sua protecção a uma nihilista perigosa?

—De certo que sei isso, de contrario não era quem realmente sou.

—Então, exclamou o príncipe Kutsoff, deixe cair a sua mascara, diga-me quem é, e o que de mim?

Com um movimento, arrancou a sua barba grisalha e a cabeleira postiça, o suposto lord.

—Já ouviu falar alguma vez, no policia Sherlock Holmes, alteza, perguntou sorrindo.

—Sherlock Holmes! exclamou o príncipe em tom alegre, estendendo ao seu hospede as duas mãos; sim não é meu inimigo, porque se o fosse, não podia ser o amigo da minha casa Alexandrina, a condessa Olitzky; Ah! não avalia o que perdi nela.

—Ela morreu por si, meu príncipe, foi assassinada pelos chamados patriotas, porque queria levantar outra vez a honra do seu nome.

O príncipe deixou-se cair numa cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

—Assim o presenti, disse elle com voz surda, mas como poudes dar hontem a sua protecção a essa Vanda Apraxin; não sabe então que ella quer matar-me? Infelizmente só ha doze horas sei que ella se introduziu em casa da condessa Olitzky.

—Queria então que eu perdesse o seu vestigio aqui em Paris? respondeu Holmes, nas actuaes circunstancias, ella está muito mais segura para mim.

Se não me tivesse mandado o seu convite, teria vindo voluntariamente hoje aqui. Queria avisar-lo relativamente ás pessoas que elle quizerem apresentar um automato milagroso.

—E foi esse o unico motivo da sua viagem de Londres a Paris?

—Não, respondeu Holmes francamente; o motivo principal é descobrir os assassinos da condessa e peço-lhe que me ajude nisso.

—Disponha de mim, respondeu o príncipe vivamente, e diga-me o que devo fazer.

—Se elle fizerem proposta para apresentar o automato jogador de xadrez, aceite immediatamente essa proposta, mas avise-me sem demora, porque nesse automato está o mistério da morte da condessa. Mas não diga a ninguem nem ao mais fiel criado, o meu nome, deixe-me ser o lord Primrose.

—Está bem, respondeu o príncipe, entregou-me completamente nas suas mãos.

Aqui tem, disse-lhe o príncipe, um bilhete de convite para um baile que tenciono dar na proxima semana aos parientes.

Pelo caminho, meditou Holmes se deveria falar dessa visita a casa do príncipe, á Apraxin; não podia acontecer que tivesse sido espreitado pelos patriotas? Não poderá succeder que a Apraxin tivesse sido avisada por terceira pessoa, e então principiar a desconfiar? Não poudes chegar a uma conclusão definida. Quando chegou a casa, tirou o fato de visitas, pô lo sobre uma cadeira, e deitou-se numa chaise-longue. Poucos minutos depois estava a dormir.

De repente abriu-se a porta lateral; Vanda entrou devagar, sustendo a respiração.

Espreitou um momento se o adormecido acordava com o barulho, mas o suposto lord continuou a ressonar tranquilamente. Então a russa tirou as botas e entrou de todo no quarto.

Sempre com os olhos fixos no lord, foi de rastos até junto do fato que estava pendurado na cadeira. Num instante tinha tirado da algibeira do casaco, a carta que o príncipe mandára de manhã ao suposto lord Primrose. Rápidamente leu-a.

—Na verdade, ele é quem realmente diz ser, murmurou ele; também só um verdadeiro lord, pode pagar um tal luxo e alugar para ele e para mim uns quartos principescos. E' uma felicidade ele não ter o presentimento das relações em que estou com o seu amigo.

Ele dobrou a carta e meteu-a outra vez na algibeira interior do casaco. Já já retirar a sua delgada mão, quando de repente parou. Os seus dedos tinham tocado nos bilhetes que o policia recebera do príncipe uma hora antes.

—O que será isto? murmurou ela, tirando os bilhetes e mirando-os atentamente.

Convites para um baile que o príncipe dá daqui a pouco; oh, mas isso é muito favorável para nós. Sim, meu excellentissimo lord, disse ele baixinho, isto muda os meus projectos. Agora não posso ficar mais tempo ao pé de si, porque não me levaria consigo para este baile, sabendo que eu sou nihilista.

Com visível alegria guardou os dois bilhetes e afastou-se tão vagarosamente e sem fazer bulha como quando entrou.

Quando Sherlock Holmes, depois de algum tempo accordou, ficou ainda alguns instantes deitado com os olhos abertos.

—Sonhei, murmurou ele, que Apraxin estava ao meu lado e me fixava constantemente.

«Parecia-me que sorria ironicamente, como se preparasse uma partida perdida; ora, como se pode sonhar tanto ao vivo? Parece-me mesmo sentir o perfume que já uma vez me denunciou a sua presença, no subterraneo dos patriotas.

Levantou-se e aspirou o ar pelo nariz.

—Não ha duvida, disse a meia voz, a russa esteve aqui no quarto enquanto eu dormia; provavelmente tinha alguma coisa a dizer-me e não quiz incomodar-me. Tenho pena dessa creatura que corre inevitavelmente para o abismo. Mas parece-me que está uma carta em cima da mesa para mim. Teria sido ela que a pôs ali?

Depressa abriu-a, e leu-a num instante.

Milord: depois de ter reflectido mais seriamente, tomei a resolução de alugar uma casa e o deixar. Não quero abusar por mais tempo da sua bondade.

Agradeço-lhe o auxilio que me prestou em Paris tão amavelmente. Com certeza nunca mais ouvirá falar em mim, porque volto daqui para a minha patria.

Sherlock Holmes assobiou devagarinho por entre dentes, como era seu costume quando não estava bem certo duma coisa, leu e releu a carta da nihilista.

—Ela mente, disse ele finalmente, não volta para a sua patria enquanto não se vingar com os seus cúmplices do príncipe Kutusoff. Ainda que o príncipe faça tudo pela sua segurança, estarei com os olhos abertos. Agora chega a vez ao meu fiel Harry Taxon para me informar acerca dos passos de Apraxin, porque não duvido nem um instante que fosse para a casa cuja direcção deu a Harry, antes da sua partida de Londres.

O baile fatal

Harry Taxon já era á seis dias o fiel criado de Vanda Apraxin. Se julgou todavia poder insinuar na confiança da russa enganou-se.

Ela não dava um passo fora de casa, não recebia visitas, mas eacrevia muitas cartas que mandava deitar no correio pela sua hospedeira. No setimo dia do seu viver juntos, recebeu Apraxin uma carta pelo correio, que a deixou numa excitação visivel. Por fim já não podia occultar o seu desassossego.

—Harry, disse ela para o seu criado, sei que foi o ajudante do afamado Sherlock Holmes; deve portanto ter bastante expediente em negocios policiaes.

—Que deseja que faça? perguntou Harry com olhos luminosos.

—Trata-se de uma coisa muito simples, continuou a russa; é apenas para verificar se é possível entrar no jardim da propriedade da Explanada Magente n.º 16 sem ser visto, ainda que seja por cima do muro ou do portão.

«Deve concordar que isso é uma coisa muito facil.

—De certo, respondeu Harry Taxon; quer tambem que saiba se é possível sair tão depressa do jardim como se entra, porque ha casos em que a saída é muito mais difficil do que a entrada.

Vanda Apraxin olhou admirada para ele.

E' um homem muito esperto, respondeu com admiração franceza; na verdade trata-se aqui mais da saída sem obstaculos do jardim, do que da entrada. Mas agora; ponha-se a caminho, porque já começa a escurecer.

Harry Taxon saiu depressa. Depois duma caminhada de meia hora, já tinha avistado a propriedade.

—A quem pertence esta linda «vila»? perguntou ele a um policia que ali estava de ronda.

—Ao príncipe Kutusoff, respondeu o policia, continuando o seu caminho.

A minha desconfiança foi certa; disse Harry. Trata-se duma partida dos partidarios russos; mas por enquanto, isso deve-me ser indifferente; tenho de fazer o recado da minha patrãoa, para ela não desconfiar.

Devagarinho aproximou-se do jardim, até chegar a uma porta escura.

— Isto era um bom sitio para entrar no jardim, murmurou ele.

Tirou da algibeira uma chave falsa e experimentou abrir a fechadura. Depois de algum tempo sentiu que a lingueta da fechadura saltando para traz: mas por mais esforços que fizesse para abrir a porta, não o conseguiu. Encostou-se com tanta força contra as elegantes grades, que por fim, cederam.

— Sim, murmurou Harry Taxon, a fechadura já não oferece resistencia, mas percebo agora que por dentro está fechada com um ferrolho. Na verdade ha á direita e á esquerda da porta umas aberturas, mas só uma rapoza por certo poderia entrar por ali. E' pena, disse ele, que não tenha menos dez anos, porque então era uma brincadeira para mim entrar lá em cima por esta grade de ferro e abrir o ferrolho.

« Mas sempre quero subir para cima dessa faixa. para daqui olhar para dentro do jardim.

Em poucos minutos estava Harry Taxon assentado na folhagem da arvore, e deixava errar o olhar por cima da propriedade que estava do outro lado do muro.

— Oh, disse ele admirado, mas que beleza de flores, passeios e arbustos; vale a pena saltar ali, para ver o jardim todo.

Já estava para descer da arvore, quando de repente ouviu não longe de si umas vozes. Deviam ser dois homens que conversavam a meia voz. A parede que aqui fazia uma curva, escondia ainda dois desconhecidos; agora soavam as vozes muito perto, e Harry Taxon quasi caiu de surpresa da arvore; não eram dois homens adultos como ele julgou pelas vozes baixas, mas apenas um homem e um sêr que Harry não podia tomar nem por homem nem criança nem rapaz. A vulgar pela voz viril devia ser um homem já adulto, comquanto tivesse a altura dum rapaz de seis anos.

Os dois interlocutores ficaram parados mesmo diante da porta, que tinha dado ao nosso amigo tanto que pensar.

— Aqui era um lugar muito proprio, disse o mais alto, um homem forte de barba preta, para fazer uma visita ao príncipe.

Muito admirado, viu Harry Taxon como este, tal qual como ele fizera há pouco, tirou da algibeira umas chaves falsas e experimentou assim a porta do jardim. Naturalmente todo o esforço era inutil. De repente teve a lembrança de sacudir a porta, e logo descobriu admirado que ela não estava fechada á chave; mas tambem havia o mesmo obstaculo que tinha feito desesperar Harry Taxon.

— É um ferrolho fechado por dentro, disse ele para o mais pequeno, que tinha observado atentamente o seu maneojo.

« A unica possibilidade, continuou ele, de desviar o ferrolho, é entrar pelo buraco da grade da porta e puchar o ferrolho para traz.

— Parece-me, Fredy, que isso será outra vez um trabalho para ti.

O pequeno verificou de todos os lados a abertura

e disse depois com voz firme, que fazia um tão grande contraste com o seu corpo infantil.

— Tens razão, o trabalho está mesmo feito de proposito para mim.

Com um impulso, assentou o homem de barba preta, o anno nos seus ombros, de forma que este poud pôr as mãos nos ferros que guarneciam a porta no lado superior.

Com grande pasmo, viu Harry Taxon que estava agora apenas a seis metros de distancia do anno, como este subiu, agarrando-se aos varões de ferro, de vagarinho até á abertura. Com uma admiravel dextreza, passou por esta, e estava agora pendurado do lado interior da porta.

Deitou um olhar para ver se era observado por testemunhas que não eram aqui chamadas; mas não se via pessoa alguma no jardim.

Harry Taxon viu com que força o pequeno trabalhava no obstaculo e ficou admirado dessa prova de força que o anno manifestou, porque sabia por experiencia propria, como é difficil abrir um ferrolho velho e ferrugento que durante anos e anos não funcionou.

Mas tinha já ouvido um ligeiro estalo.

A obra teve bom exito.

Como um esquilo, passou o anno outra vez pelo buraco e desceu para junto do seu companheiro alto.

— Está feito, disse ele a meia voz, e na verdade abriu-se a porta depois de um pequeno esforço.

— Bom, disse o mais alto; vou por enquanto fechar outra vez a porta, para que a nossa brecha de invasão ao castelo do nosso inimigo, não se descubra cedo de mais.

« Vanda Apraxin ficará admirada quando souber que podemos acabar este trabalho sem ela.

— Mas a porta principal sempre fica para ele, respondeu o anno.

— De certo, nas actuaes circumstancias. tem de executar sósinha a acção; nós apenas lhe podemos ter esta porta livre em caso de necessidade.

Já era bastante tarde quando Sherlock Holmes voltou dum passeio e se sentou no seu quarto numa cadeira de balanço para ainda fumar um cigarro.

Debalde tinha esperado uma resposta de Harry: Vanda Apraxin de certo estava muito tranquila, senão, já lhe tinha mandado o seu jovem aliado uma noticia qualquer.

Nisto, ouviu bater á porta do quarto e uma criada entrou.

— Desculpe, milord, disse ela, por vir tão tarde incomoda-lo, mas está lá fóra um rapaz que quer por força falar a milord, e nada o faz retirar-se; afirma que milord o mandou chamar.

— Como é a sua apparencia? prelhuntou Sherlock Holmes atento.

— É um homem novo de cerca de 20 anos; tem uma corcunda e um emplastro preto no olho direito;

não tem aparência de muita confiança, e, se milord ordena mando-o pôr já fóra do hotel.

—Não, não, respondeu o afamado policia, agora me lembro, na verdade dum homem assim; deixo-o entrar sem receio.

A criada retirou-se, e um momento depois estava o jovem corcunda diante do suposto Lord.

Sherlock Holmes ficou-o um segundo, depois oferecendo uma cadeira, disse:

—Põe-te á vontade, Harry; que tens de importante para me dizer? De resto já ha muito tempo que estava á espera das tuas noticias.

—Até agora não aconteceu nada de anormal, respondeu baixinho o jovem, mas esta noite parece que o diabo anda á solta, e com grande pressa contou as aventuras da noite daquele dia,

«Em conclusão, disse o jovem, Vanda Apraxin safu ha dez minutos de casa ás escondidas e vestida com uma grande toilette de baile.

—Deus do ceu! gritou o policia, a quantos estamos hoje?

—Estamos a 18, respondeu Harry Taxon admirado da excitação do seu mestre.

—Não ha duvida, hoje é o baile em casa do principe Kutusoff, onde estão os bilhetes de convite que ele me deu?

Correu á guarda fato, arrancou a sua sobrecasaca do cabide e verificou as algibeiras; encontrou logo a carta que o principe lhe tinha mandado, no dia seguinte á sua chegada, mas os dois bilhetes para o baile tinham desaparecido.

—Depressa, gritou ele para o seu ajudante, ajuda-me a fazer a toilette; em 10 minutos o maximo é necessario que esteja pronto; devo ir depressa para evitar uma grande desgraça, porque se trata da vida dum homem.

Ainda não era a hora marcada, e já o policia estava em traje de baile; mais uma vez verificou como estava a sua cabeleira e a barba grisalha, depois saiu rapidamente acompanhado de Harry Taxon, que nem teve tempo de se informar dos projectos do seu mestre.

Sem obstaculos, deixaram os criados entrar o suposto lord Primrose na vila do principe Kutusoff.

O baile já tinha começado. Os olhos prespazes de Holmes procuraram por toda a parte a russa.

Não poud descobri-la em parte alguma, mas tambem não viu o principe.

—Deus queira que não tivesse chegado tarde de mais, murmurou ele passeando lentamente pela sala. Nesse momento era um intervalo, e os pares espalhavam-se por umas pequenas mesas, os criados lhe serviam refrescos.

Agora mesmo passava diante do policia, o mordomo da casa, que vigiava os criados; Holmes chamou-o a parte e disse-lhe baixinho :

—Onde está o principe? Preciso falar-lhe imediatamente.

—Já tinha cumprimentado os seus convidados, respondeu este, quando lhe foi entregue um telegra-

ma urgente, com o quel se retirou ha pouco tempo.

—Se o encontra, diga-lhe que está cá lord Primrose; entretanto vou dar uma volta ao jardim, na esperança de encontrar Vanda Apraxin, ou algum dos seus conjurados. Mas não havia vestigios dela.

Já ia voltar outra vez para a vila, quando viu, por detraz do carramanchão, perto do muro um vestido branco. Depressa entrou para um outro carramanchão. Era tempo. Pois nesse mesmo instante Vanda Apraxin passou em frente dele.

—Ah, murmurou o policia, queria certificar-se se a porta de saída, das que me falou Harry estava aberta; agora estou com curiosidade de ver os acontecimentos desta noite.

Longe ouvia a musica atraente que chamava os pares para uma quadrilha.

A russa havia desaparecido da vista do nosso amigo, e decerto já tinha chegado á sala de baile. De fora, deitou Sherlock Holmes um olhar prescutorado pela janela vira os convidados, aos pares a dançar a quadrilha.

Agora tambem vira a russa, que se tinha metido no vão duma janela onde estava completamente escondida com as palmeiras. Devagarinho entrou Holmes para a sala. Procurou esconder-se por detraz da fila de criados, de forma que Apraxin mesmo que soubesse da sua presenca, não podia velo.

Reparou de repente que ela tinha sido presa de uma grande excitação; poud ver mesmo distintamente que os seus olhos se fixavam numa determinada direcção, e que se punha nos bicos dos pés para poder olhar melhor através das palmeiras; percebia agora o motivo da sua excitação.

Do lado da porta da sala, vinha o principe pelo braço duma senhora, para se juntar aos outros pares.

Com uma pantera que se prepara para saltar sobre a sua vítima, estava agora a russa, com o busto muito inclinado para a frente, observando todos os movimentos do principe.

Neste momento estava este, o maximo, dez metros distante dela. O momento de proceder parecia ter chegado, a sua mão direita tirou da algibeira um revolver que brilhava agora entre as hastes das palmeiras — o principe estava perdido.

—Boa noite, querida senhora; via-a tão palida e tão abatida, que não pude deixar de ir buscar um refresco para si; sirva se.

Treslucada, rigida a russa parecia uma estátua. Teve ainda a ideia de deixar caer o braço que segurava o revolver.

—Mylord, disse ela, deixando escorregar devagarinho o revolver para a algibeira.

«Como me fez medo; agradeço-lhe muito, é muito amavel; na verdade não me sentia bem.

Maquinalmente, agarrou no copo e bebeu o conteúdo até ao fim: a excitação era tão grande, que a lingua se lhe tinha pegado ao céu da boca.

—Bom, disse Sherlock Holmes com amavel sorriso, agora podemos conversar aqui neste cantinho que parece ter sido feito de proposito para rendez-vous.

—Porque me deixou tão desdenhosamente? disse-lhe baixinho o suposto lord; não podia esperar mais uns dias e vir-mos juntos a esta linda festa? Mas como é que entrou na «vila»?

Vanda Apraxin queria responder, mas coisa estranha, não pôde encontrar palavras nem mesmo pôde juntar as ideias; apenas sorria devagarinho, como se sentisse um bem estar infinito.

Uma fadiga agradável a tomou e nem mesmo sabia porque motivo estava ali.

Ah! se ela agora estivesse em casa e pudesse dormir à vontade!

E na verdade, começou a bocejar sem mais nem menos continuando a escutar a voz pausada de Lord Primrose, que estava a anima-la tão amavelmente.

—Oh! como esta voz a adormeceu sem lhe poder resistir; suavemente, deixou se cair para traz. Ainda fez esforços para se endireitar e falar, mas só um sorriso confuso lhe passou pelas suas feições palidas —daí a um momento, estava a dormir profundamente.

Holmes levantou-se devagarinho e fez um sinal a alguns criados que estavam proximos.

—Levem esta senhora para um quarto, porque ela adoeceu, como parece, mas evitem qualquer escandalo; vou pedir ao mordomo para no fim da dança informar o principe do incidente.

Tudo se passou pelo melhor.

Depois dos criados se terem retirado, verificou Holmes as algibeiras da russa, donde tirou o revolver e um frasquinho que sem duvida nenhuma continha um veneno. De certo era destinado a ela propria, no caso de se não poder salvar, depois do assassino do principe.

A porta abriu-se devagarinho, o principe Kutusoff entrou; admirado, ficou um momento parado.

—O que aconteceu? perguntou elle ao policia;— foram dizer-me que uma senhora tinha desmaiado.

—E' Vanda Apraxin, respondeu Holmes indicando-a adormecida.

O principe examinou-a curiosamente.

—E' essa então a nihilista, que com mais alguns doidos procuram matar-me?

«Estou surpreendido com a sua beleza e com a sua graça. Mas como conseguiu ela entrar aqui? Não se pode admitir que ela faça parte dos meus convidados.

—Ela convidou-se a si propria, disse o policia.

«Soube que entrou na vila pelo braço dum sujeito elegante; e sem duvida aproveitaram os dois bilhetes de convite que vossa alteza pôz á minha disposição para esta festa e que me foram roubados.

—Seria por acaso, disse o principe, que esta mulher sanguinaria adoeceu justamente na minha vila?

—Não, disse Holmes sorrindo; esse favor não lhe fez ela. Vi que ela escondida por detraz das palmeiras apontava este reveler ao senhor, que se encontrava uns dez metros distante dela. Para evitar escandalo, aproximei-me rapidamente dela, e dei-lhe um forte narcotico; agora dormirá, sem que acorde, até amanhã de manhã.

—O senhor é o meu bom anjo, disse comovido o principe, e quero mostrar-lhe a minha gratidão. Mas que faremos de Apraxin? Vamos entrega-la á policia?

—Não, respondeu Sherlock Holmes, isso contrariava os meus planos; assim nunca poderíamos agarrar os assassinos da condessa Olitzky; nem descobrir o segredo do automato. Diga ao seu mordomo para deixar ao pé dela um criado de confiança que a acompanhe até fóra da vila quando acordar.

Desvenda-se o misterio

Sherlock Holmes andava inquieto no seu gabinete dum lado para o outro. Já se tinham passado outra vez alguns dias sem ter recebido noticias nem do principe, nem de Harry Taxon.

O seu criado de quarto trouxe-lhe uma carta que tinha chegado de manhã e tinha o brazão do principe Kutusoff.

«Mylord, dizia a carta, procedi exactamente como me aconselhou. Nenhum dos meus criados teve a minima desconfiança do horrivel perigo em que estive na noite do baile. A senhora que sabe, dormiu até 7 horas da manhã e foi acompanhada até fóra da casa, delicadamente.

«Que a sociedade interessada não tem a minima desconfiança de que conhecemos os seus planos, prova-o a circumstancia de ter hoje recebido uma carta dum suposto italiano que me pede para me apresentar o seu automato Hing Tong.

«Como vê aconteceu tudo como previu; admiro os seus extraordinarios conhecimentos humanos, e entrego o resto á sua perspicacia, que já uma vez me salvou a vida.

O seu reconhecido

Kutusoff

Sherlock Holmes meditou muito tempo; combinou perfeitamente todo o plano, como o bando dos assassinos podia ser preso; o menos escandalosamente possível.

Depois foi para casa do principe para tratar com ele as disposições necessarias.

Outra vez estava a vila do principe Kutusoff fericamente iluminada; outra vez rodavam as elegantes equipagens diante da porta principal.

Mas não era na grande sala em que tinha sido dado baile ha poucos dias, que a sociedade reunia hoje, mas sim num dos aposentos particulares do principe Kutusoff.

No meio do aposento, separado por uma barreira toda em volta, estava já o automato, como quando o vimos em casa da condessa Olitzky.

Desta vez o dono de Hing Tong não era um homem de barba preta, mas sim um elegante cavalhei-

ro com bigode distincto, olhos ardentes, justamente como se pode imaginar um italiano de raça. Também falava o francês com uma pronúncia tão estrangeirada, que ninguém duvidava da sua nacionalidade.

Em sua companhia, tinha um jovem e elegante criado, com o cabelo cortado à escovinha, e bigode pequeno e escuro. A representação, teve o seu começo, como ha 15 dias em casa da condessa Olitzky, e Hing Tong, com a solução das perguntas que foram feitas de todos os lados, despertou em todas as pessoas presentes a maior admiração.

Imovel como em Londres, ficava o dono do automato; parecia não ter interesse nenhum nas perguntas e respostas. Apenas os seus olhos prescrutadores, se fitavam numa cara e noutra, de vez em quando.

Parecia que procurava alguém.

Mas de repente, a sua cara sombria iluminou-se. Um sujeito velho e amavel, aproximou-se do automato. Com visível interesse, escutava as suas respostas espirituosas, e o seu divertimento com Hing Tong, parecia crescer de resposta para resposta.

—Tambem eu desejava fazer algumas perguntas ao seu automato maravilhoso, disse elle para o italiano, sorrindo ao de leve.

—Foco favor, meu senhor, respondeu este com cortezia, tantas quantas quierá.

—Trata-se duma pergunta muito simples, quantos anos me dá, Hing Tong?

Logo depois escreveu o automato na sua pedra:— 55 a 60 anos.

O sujeito idoso esfregou satisfeito as mãos, como se tivesse recebido uma comunicação importante.

—Muito bem, muito bem, disse elle voltando-se para o principe; o pequeno chinês é omnisciente.

Todos estavam admirados com o jubilo do velho, em comparação com os problemas dificeis que Hing Tong tinha resolvido, não tinha esta importancia alguma.

—Quem sou eu e como me chamo? perguntou amavelmente o sujeito de cabelo grisalho.

O sr, é o amigo do principe Kutusoff e chama-se Lord Primrose, respondeu prontamente o automato.

—Admiravel, de todo admiravel, exclamou o supposto Lord, não julgava que Hing Tong me reconhecesse no meu disfarce.

Dizendo isto, endireitou-se para ficar na sua altura natural e elegante; todos olharam para elle admirados.

—Talvez Hing Tong me podesse dizer se aconteceu alguma coisa extraordinaria nesta noite do baile? continuou o Lord a perguntar.

—Uma sephora desmaiou e foi preciso leva-la para fóra da sala, foi a resposta.

—Muito bem, meu querido Hing Tong, concordou o Lord examinando a roda dos convidados.

—Poderá também Hing Tong dizer-me qual era a intenção dessa senhora na noite do baile?

—Queria divertir-se um pouco no meio dos seus compatriotas.

Todos os assistentes tinham perdido as suas caras sorridentes, e pareciam pressentir que este velho su-

jeito queria interrogar energicamente o automato.

Em todas as caras se lia uma curiosidade, extrema. —Desta vez Hing Tong enganou-se! exclamou Lord Primrose, fixando o italiano.

—Hing Tong nunca se engana, respondeu este, fazendo-se pallido,

—Ah, disse o Lord rindo.

Hing Tong julgá talvez que um atentado contra o principe Kutusoff faz parte dos divertimentos da tal senhora? Assim, talvez tivesse razão.

A maior parte dos assistentes tinha se levantado, e olhava consternada para o italiano, que examinava sombriamente o sujeito que tinha feito estas perguntas tão importantes.

—Hing Tong poderá dizer-me o nome dessa senhora? continuou o Lord.

—Hing Tong sabe esse nome, mas não quer dizelo, foi a resposta.

—Desta vez disse elle a verdade, acrescentou o Lord sorrindo; então, meus senhores, disse elle voltando-se para os convidados, vou eu completar a resposta do automato:

Era a nihilista Vanda Apraxin, que queria praticar o atentado, na pessoa do principe Kutusoff.

Os convidados assustados, apenas se atreviam a respirar, mas na realidade, o que se passava diante deles?

—Onde está neste momento Vanda Apraxin? foi a nova pergunta do Lord.

Do automato ouviu se um ligeiro estalo, como se uma mola rivesse saltado; ao mesmo tempo caíram os braços do chinês já frouxos.

—A corda acabou-se, meus senhores, Hing Tong já não pode responder.

—Então encarrege-me eu da resposta, disse Lord.

Principe! a perigosa nihilista Vanda Apraxin, é este lindo ajudante do dono do automato, que se occupou ardentemente das senhoras no começo da representação. Soccegum meus senhores, continuou em voz mais alta, quando viu que algumas pessoas que queriam fugir da sala; bem veem que ela já está presa.

Harry Taxon, que foi convidado pelos russos para trazer o automato, tinha-a deitado neste momento sobre a sua cama e tinha-lhe posto as algemas para não poder fazer uso do revolver.

Ao mesmo tempo meia duzia de policas, que estavam assentados no meio dos convidados, aproximaram-se do automato e cercaram no assim como ao seu dono, tão estreitamente que uma fuga seria impossivel.

—E agora meus senhores, exclamou o suposto Lord, está chegado o fim da representação de hoje.

Quem é Hing Tong?

O que é a rodagem misteriosa o omnisciente do automato?

Com passos rápidos tinha-se aproximado da mesa onde estava a figura do chinês, e com um empurrão arrancou a cabeça da figura.

—Vejam este anão, que está sentado na caixa da mesa com as pernas cruzadas; é o misterioso automato!

É o instrumento docil deste patife, que se nós apresentou hoje como italiano, sendo na realidade o nihilista Domitscheff tanto procurado pela policia russa. Estes dois homens tambem são os assassinos da condessa Olitzky.

Dizendo isto, tirou o anão, que tremia todo, para fóra da caixa da mesa; da sua algibeira saia-lhe um martelo que tinha uma das pontas muito bicudas. Com este martelo foi quebrado o craneo da condessa Olitzky quando dormia; com este martelo devia ser assassinado esta noite o príncipe Kutusoff, porque o dono do automato já tinha pedido licença para deixar ficar a rodagem, quer dizer, este não, que éle escondia no cesto, ficaria nos aposentos do nosso amigo durante a noite; tal qual como fizera em casa da condessa Olitzky, onde a dama de companhia Vanda Apraxin escondeu o cseto na sua cama.

Durante esta conversa, tinham os policiaes ligado as mãos atrás das costas, ao suposto italiano, e revisitando-o, encontraram-lhe um revolver carregado e uma bomba em fórmula duma garrafa; ele não tinha dito palavra, mas neste momento souu lá fóra um grito estridente.

— Deixem-me entrar mais uma vez na sala, gritou uma voz de mulher, quero outra vez ver o príncipe, sabem muito bem, grandes parvos, que não lhe posso fazer nenhum mal, porque tenho as mãos solidamente ligadas, e não posso mexer um dedo.

A um sinal do príncipe, foi Vanda Apraxin conduzida para a sala.

A dois passos de Lord Primrose, que estava justamente por baixo do lustre ficou ela parada; ainda ele segurava pelo pescoço o anão que tremia todo, e que estava de pé sobre uma cadeira.

De repente deu Vanda Apraxin uma gargalhada aguda. Todos julgaram ter uma doida na sua frente.

Ah! ah! ah! gritou ela; isso é a gratidão de o ter salvo do subterraneo dos patriotas, quando Domitscheff o queria fazer saltar pelos ares? Como eu fui cega, não o reconhecendo ha mais tempo. sr. Sherlock Holmes. Mas fiquei completamente convencida da sua morte, quando o patife do seu ajudante me veio contar. Quando impediu o meu atentado contra o prin-

cipe Kutusoff e me deu o narcotico, lembrei-me que me tinha talvez que haver com Sherlock Holmes. Mas não pude duvidar da sua morte depois que ouvi contar aos patriotas o caso do tiro disparado sobre si, no jardim de sua casa; da chamada do médico por Harry Taxon.

Sim, o senhor Holmes ludibriou-me e conseguiu o seu fim. Seremos todos entregues á Inglaterra e enforcados.

O afamado policia tinha tirado a cabeleira e a barba e viu-se rodeado de todos os assistentes; cada um queria fazer perguntas; a maior parte só o conhecia de nome e por isso queriam ve-lo e apertar-lhe a mão.

De repente souu outra vez um grito nas ultimas, filias; Vanda Apraxin tinha tirado as algemas, e atirando-se a um policia tirou-lhe o revolver de serviço, do cinturão.

Como um tigre na jaula, tinha ela saltado para as portas para fugir, mas estas por prudencia estavam fechadas.

Agora estava ela em pé com o revolver levantado, e com as costas juntas á parede, os homens estavam transidos de terror; as senhoras, na maior parte, tinham desmaiado de medo.

Vanda Apraxin deitou um olhar longo sobre os assistentes; depois deu a mesma gargalhada de doida como ha pouco.

— Não, gritou ella rindo, não tenham medo, a minha sede de viggança não é para vós, poltrões, mas só para a sanguessugas, os carrascos do nosso pobre povo. É pena que o príncipe se tenha safado; gostaria imenso de leva-lo comigo.

Vejo que perdi o meu jogo, e só posso livrar-me duma unica maneira do contacto ignominioso do carrasco.

Adeus, sr. Holmes não o odeio, apesar de ter sido o sr. a causa da minha ruina. Mas o sr. é um homem perfeito, pelo qual, mesmo nesta ocasião, consagro a mais alta admiração.

Um tiro, ouviu-se.

— Vanda Apraxin caíu para o chão, morta, com o craneo despedaçado.

F I M



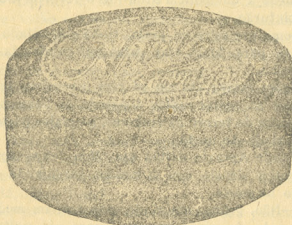
Lêr no proximo numero:

A caça ao homem

Este é que é o verdadeiro remédio para o cabelo!

A MINHA POMADA «NITAL» É DIFERENTE DE TODOS OS
OUTROS REGENERADORES ANUNCIADOS PARA O MESMO FIM

Ela não faz crescer novamente o cabelo áqueles que já são calvos completamente,
mas evita que o cabelo caia, dá-lhes força e vigor, e faz nascer novamente
nos sitios que tenha caído recentemente



EU ERA CALVO!

Foi por causa da minha calvície que obtive
a receita do remédio que faz verdadeiramente
crescer o cabelo e cuja venda trato agora de
propagar.

Eu proprio experimentei a satisfação que
dá o crescimento gradual do cabelo novo, pre-
to, daquella cor sedosa que o cabeleireiro nunca
deixa de elogiar. Depois que comecei a ofere-
cer este produto ao publico, ha alguns anos,
tive a boa sorte de fazer experimentar a milha-
res de outras pessoas um sentimento igual ao
que eu experimentara, quando me pareceu
certo (assim como aos meus amigos) ter real-
mente adquirido o verdadeiro segredo de fazer
crescer o cabelo.

As cartas de felicitações, que enchem as
minhas cartéiras são suficientes para encher um jornal de cem paginas. Com effeito, o que eu
desejo é que todos áqueles que se servem do meu remédio fiquem tão satisfeitos, que, quando
mesmo me não escrevam, aconselhem aos amigos a servirem-se dele. O mesmo acontece com a
minha freguezia feminina.

O que distingue o meu produto

Não davião que tenham experimentado outros produtos, destinados, ao que dizem, a fazer
crescer de novo o cabelo, annunciados com muito mais reclamo que o meu; em geral 4 caixas
para fazer crescer novo cabelo, depois de usar a caixa preparatoria para o coiro cabeludo,
sendo esta a caixa de ensaioque mando como amostra, são suficientes. Certas pessoas tiram re-
sultados satisfatorios com uma caixa grande do meu remédio, outras pedem, depois de usarem
três ou quatro, algumas caixas de suplemento, mas trata-se aqui da media. Que differença, assim
mesmo, com certos renovadores capilares, annunciados com grande reclamo e que o freguez tem
de comprar uma vez por semana, durante muito tempo!

O meu preço é por caixa 5000 esc. — 4 caixas 18000 esc.

O remédio é expellido cuidadosamente lacrado e não leva sinal algum exterior que possa
divulgar o conteúdo do embrulho. Toda a correspondencia é considerada confidencial. O paga-
mento pode ser por vale do correio, dinheiro, em carta registada ou por cheque. As ordens
devem vir em nome de George Satin. Queiram notar qualquer ordem que me for dirigida pelo
correio terá o mesmo cuidado que se as pessoas viessem ao meu escritorio; apesar disso apres-
so-me em acrescentar que no caso de quererem fazer-me uma visita terei o maior gosto em fa-
zer-lhes as honras do meu estabelecimento.

AGENTE EM LISBOA:

George Satin

RUA DA ERA, 17

NO PORTO:

José M. P. Passos

Rua de Santo Ildefonso, 338